

EX-LIBRIS

RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES

le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

O
CONDE LOPO

POEMA

(INEDITO)

POR

M. A. ALVARES DE AZEVEDO



RIO DE JANEIRO

Typ. G. Leuzinger & Filhos Rua d'Ouvidor 31

1886

O
CONDE LOPO

POEMA

(INEDITO)

POR

M. A. ALVARES DE AZEVEDO



RIO DE JANEIRO

Typ. G. Leuzinger & Filhos Rua d'Ouvidor 31

1886

AO LEITOR

Depois do largo espaço de tempo decorrido desde a publicação das obras do nosso illustre e caro amigo, o distincto brasileiro Alvares de Azevedo, tão prematuramente arrebatado ás affeições da familia e á patria que elle honraria ainda mais, se mais lhe fosse dado viver, fazemos publicar parte dos manuscriptos que deixou, e que talvez se resintão da falta de correcção, que não teve occasião de applicar-lhes.

Sua digna e veneranda mãe a Ex.^{ma} Sra. D. Maria Luiza Silveira da Mota e Azevedo, que a isso nos autorizou, possui ainda grande cópia de manuscriptos, que mais tarde serão por sua vez publicados.

Rio, Outubro de 1886.

L. A. DA SILVA NUNES.

O CONDE LOPO

Les poètes sont ainsi. Leur plus beau poème est celui qu'ils n'ont pas écrit ; ils emportent dans la bière plus de poèmes qu'ils n'en laissent dans leur bibliothèque.

— J'emporterai mon poème avec moi.

— Et moi le mien — Qui n'en a fait un dans sa vie ? Qui est assez heureux ou assez malheureux pour n'avoir composé le sien dans sa tête ou dans son cœur?...

TH. GAUTIER.

PREFACIO



PREFACIO

O fim da poesia é o *bello*.

Bello material, bello moral; do bello por assim dizer mimoso, até esse bello arrebatador que se chama sublime — desde o bello calix da flor alvasinha a branquear ao bando de irerês marinhas deslisando garrido na saphyra das aguas — como a nuvemzinha irisada da tarde na limpi-dez do céu — até ao bello da cataracta mugidora a despenhar-se das quebradas negras da montanha, em lençóes d'agua, e a bramir lá em baixo no despenhadeiro com suas vagas de escuma — desde o bello da estatua de marmore da Venus Callypigia até ao bello do Jupiter Capitolino, desde a estrella até ao rugir do trovão, — sempre é o bello — Pois o que é o sublime senão o gráo mais ardente do bello?...

O fim da poesia é portanto o bello ou, se melhor se quizer, — a poesia é o bello. —

A missão do poeta é pois o apostolado da belleza, o dever de esfolhar corôas sobre todas as quadras da vida, enfeitá-las, enfeitiçá-las; e ahi desses jardins da natureza colher as flores perfumosas da capella de sua lyra, de sua harpa de trovador.

Como as aves do céu, como as flores da selva, como os clarões das noites, é sua missão dar cantos, perfumes, fulgores — espalhar recendencias, derramal-o gotta a gotta esse vaso de balsamo que se chama a alma — como a Magdalena — para perfumar essa passagem na terra que se chama — a vida. —

Assim pois o merito ou demerito de um poema é — *ser ou não bello*.

Pode-se perdoar ao Triboulet do *Rei diverte-se* — esse sangrento epigramma de um poeta sublime, aba de manto de velludo reluzente de pedrarias rota pela mão do genio, mostrando quanto de infame lá embaixo se escondia — pode-se pois perdoar a Triboulet sua vida á frente da sua agonia, e ante aquella cabeça de homem estallada nas pedras da calçada esquecer os remoques infames do truão — mas nem por isso a peça deixa de ser immoral.

Qual é a *immoralidade* de uma peça?

Não é a apresentação de quadros contra a moral?

E constituirão alguma scena edificante, algum

quadro digno das santissimas paredes de uma Igreja essas duas scenas do rei-seducitor com a donzella enganada — o estupro, uma, e a outra o sacrificio della por aquelle que ora dorme nos braços da barregan das ruas ?

Não é esse o lugar para sustentar theorias de *moralidade*. — O que dissemos do *Rei diverte-se* diriamos de *Marion Delorme* — citariamos essa scena em que ella entra com as faces ainda ardentes e avermelhadas dos beijos — no ultimo acto, — o mesmo de Ruy Blaz, o mesmo em geral do theatro e até dessa obra sublime do cantor das Orientaes — Nossa Senhora de Pariz — vasta e sombria concepção como a cathedral gothica avultando negra na escuridão da noite avermelhada pela luz dos fachos sacudidos, — no ataque dos Bohemios — idéa immensa, joia de facetas tão diversas, fresco gigantêo da imaginação de Miguel Angelo, — onde de um lado do quadro dança a ligeira e suave Zingara com os crespos soltos nos hombros morenos, batendo o seu adufe, e enlevado de tão bella feiticeira nos passos leves, a vista do bello capitão, a miral-a de cima do feroso ginete com olhos accesos de volupia — e lá de cima da torre prezo, pelas mãos convulsas, á pedra das frestas, o monge livido com os olhos em fogo e os dentes cerrados, immovel e terrivel como o jaguar do Oriente com os olhos na preia, — essa « Nossa Senhora

de Pariz », emfim, ora clara e bella como as vidraças multicôres das ogivas rendadas, ora ligeira como as columnas delgadas de marmore branco, ora sonora e ruidosa, alegre e bacchante, ebria de orgias como esse monge entalhado no portal da cathedral de Mayença ; ora voluptuosa e lasciva como os beijos da Cigana desatada nos braços de Phebo na taverna das bordas do Sena — mas no meio dessas flores, desses cantos de orgia, desse fremito de beijos em labios soffregos — desse ancisar de collos apertados — lá surge torva como uma djin na crença oriental — como uma serpente junto da mangueira onde descantão as aves, como a féra de olhos de fogo junto da relva onde dorme a creança perdida, essa sublime e medonha figura de monge, esse homem cuja historia, cuja crença, cuja esperança — era uma palavra *ΑΝΑΡΚΙΑ* — Claudio Frollo !...

Se ha poeta francez a que votemos decidida affeição por suas obras, a quem rendamos dos fundos d'alma culto como é de render-se ao genio — é esse mancebo louro, de olhos limpidos e azues, sonhador de pesadellos onde sorri satanico e infernal sempre na fôrma incarnada de genio do mal — quer seja Han d'Islandia o bebedor de sangue e agua do mar, ou Habibrah o anão, ou Triboulet o bufão, em opposição a essas candidas creaturas de Esmeralda e Branca, Ethel e Maria Neuburg.

Como eu dizia, pois, acho cá de mim para mim que o fim não torna moral uma obra da qual cada capítulo seja immoral. — Assim acabasse Byron o seu Don Juan, esse primor da palheta multicôr do Bretão sarcástico e desesperançado, fazendo eremita com barbas a cahirem-lhe longas sobre o peito e as faces resequidas pelos jejuns, esse tão invejado gosador da vida que não se poderia dar como nenhum modelo de moral em acção sua Odysséa — brilhante, porém summamente immoral. É a razão porque não achamos a moralidade do nebuloso Faust do poeta Allemão, desse genio sublime representante e chefe da litteratura nova — da eschola romantica, como a chamão, tal qual se acha ella instituida — apezar da apothese da ultima pagina...

Eis ahi pois a primeira razão.

Quanto á segunda — foi *porque não quiz*.

E que ladrem critiqueiros — Que importão elles?

Pobres mulheres estereis que com olhos chamejando de inveja devorão as crias rosadas das outras — Serpes rojadoras e impotentes a insultarem os vôos das aguias que vão perder-se nas nuvens, que importão elles? Hade a mulher esmagar seu filho entre os joelhos pelas invejas dellas, hade a aguia desvairar-se do vôo só porque a vibora vomitou-lhe a bava do insulto? Não! eil-a se pende com as azas abertas, a

rainha dos ares — que lhe importão sarcasmos do verme estúpido? Ri delles, e se baixa-se a ouvir-o é para esmagal-o. A satyra de Byron e o fundo do painel do Caravaggio fizerão-lhes justicas a essas audacias loucas.

Qual Homero que não tivesse o seu Zoilo?

Qual poeta grande ou pequeno que não tivesse um desses escrevedores de regras, *La Harpes* assobiados nos theatros, pifios rimadores, como dizia Gilbert, *tombés de chûte en chûte au throne académique*, que lhes profanasse os sonhos?

E pois consolar-me-hei de optima mente com as criticas. — Se os grandes as ouvirão, porque queixar-me? Não é dos jasmineiros chamar os reptis? Não é das doçuras chamar os insectos?

A missão do poeta como eu disse no começar esse preambulo é o *bello*.

Assim pois — o unico juizo de que damos ao leitor competencia sobre esses versos soltos e rimados que ahi vão, é sobre sua belleza ou não.

Se achal-os conforme com o fim da poesia — bom será — Senão.....

Poucas couzas ha ahi no mundo que olhadas de certo modo não tenham o seu *que* de poetico: se ainda ahi ha tanta flor solteira de poeta — é que elle ainda virá, o seu vate, para descantar-lhe as bellezas.

A vós — classicos como Horacio, Anacreonte e Ovidio, e a vós Romanticos como Byron — perguntarei, das noites de gozo monstruoso das lupercas, das orgias e turtolias da Grecia e de Roma, desses cantos infames que marearão as lyras dos tres poetas da antiguidade que entre tantos ahi cito, não por falta, porque fora-me facil incluir nelles o casto Virgilio com sua *Eccloga de Alexis*, e Tibullo com seus hymnos ternos ao mancebo formoso de seus amores, candido como os fulgores da Latonia lua (*) — desses meus cantos seja-lhes scena o salão do banquete, com o seu refulgir de copos cheios de licores e a sua musica de loucas alegrias e alegres amores, sobre chão cheiroso de rozas, respirando o ar volupias e lascivias — quaes mais immoraes, quaes menos puros ?

Não fallarei de Byron. — Repito, não é essa uma obra de Moral, e para mim que quando leiu é para apreciar o bello da imaginação do poeta, Don Juan é um primor.

A razão porque comparei os Cantos do meu poema á devassidão dos poetas classicos foi unicamente para lembrar que ha uma differença entre o immoral e o torpe.

O immoral póde ser bello — As vizões núas

(*) Condor erat qualis praefert Latonia luna,
 Et color in niveo corpore purpureus
 Ut juveni primum virgo deducta marito
 Inficitur teneras ore rubente genas, & &

Ov. Liv. 3 Elegia 4.

do juizo derradeiro de Miguel Angelo — Antony, Angela, Thereza, quasi todo o theatro emfim, quasi todas as obras de Alexandre Dumas são immoraes. — Àquella alma de poeta quem negará comtudo glorias e louros? quem poderá não achar bellas essas paginas do romancista-rei do seculo?

Jacques Rolla e Franz.

Eis ahi pois — Antony é bello — mas algumas odes immoraes de Horacio, não o são. — Se tem seu *que* de bello o Alexis do cantor da Eneida, se os amores de Ovidio são tão cheios de belleza — ás vezes outros quando essa alma de poeta desce á torpeza, como o cysne branco atolado no charco do pantanal, nem ha lel-os, esses cantos prostituidos!

Do sublime ao ridiculo ha um passo, disse um grande pensador e um grande guerreiro — do immoral ao torpe tambem vai um passo.

Dos cantos de Byron, ardentes como o tremor do enlevo no sorver dos beijos — vai um passo talvez a esses poemas infames, corrompidos e corruptores imputados ao grande sonetista de Portugal. — Mas esse passo é por sobre um abysmo.

O que alli era bello — aqui nada tem disso — foi um passo somente, mas foi uma quéda da montanha esmeraldina e purpurea de rozas ao paúl do brejo. Foi um passo sim — mas um passo do serro ao precipicio de entulho e lodo onde só habitão os vermes da podridão.

O bello manifesta-se por tres diversos modos, por tres fontes, o que faz dizer que ha tres especies de *bello*.

Outros mais illustrados poderão achar defeituosa minha classificação — é comtudo a que eu adopto em falta de melhor. — Bello idéal, bello sentimental, e bello material.

Diga-se o que se quizer — nem em Homero nem em Virgilio, em uma palavra em nenhum dos poetas antigos apparece a primeira classe que apresentamos.

Dizem os poetas idealistas que isso pende de duas causas — da philosophia e das tendencias do clima voluptuoso das terras do Sul.

Não é nosso empenho tratar disso.

Talvez o sol oriental chame os homens á realidade, e a bruma e as nuvens cinzentas dos luares boreaes levem-no ao idealismo. — Seja como quizerem.

A litteratura Européa, humilde discipula dessa velha arrebicada de Horacio, dessa lyra acostuada a soltar suas notas amorosas no trepidar das saturnaes de Roma a Sybarita, dessa lyra que deixára as entesadas cordas metallicas dos tempos épicos para nos soltos nervos, no acompanhamento das flautas lydias e dos plectros cretenses, transpirar aromas de banquete, levarão-na em França as orgias da regencia e do reinado de Luiz XV ao ultimo aperfeiçoamento da immoralidade.

O blasphemo cantor da guerra dos deuses levou o materialismo poetico até aonde Horacio — o vate das orgias romanas regadas dos vinhos de Falerno e Massico — nem se atrevera a pensal-o.

A culpa é da philosophia materialista do seculo !

A revolução Franceza levou consigo esse cortejo de bacchantes languidas e ébrias, com seus brindes de gozo e seus beijos de labios de braza — essa carreta morna e voluptuaria de Thespis a que succedera fria e sangrenta a carreta dos Girondinos. Com a renascença da poesia em França houve então uma reacção total, de Zenith a Nadir, sobre a poesia.

Em lugar da poesia dos olhares tremulos de gosto, dos seios quentes, anciosos, a se elevarem em suspiros afogados, em lugar dos contornos das linhas ondeantes, do esmero das cadeiras arredondadas e das pernas cheias, macias e roseas como a flor de Venus, dessas nymphas meio deitadas, os membros de madreperola, com a cabeça sobre um braço arredondado e lacteo, e de cabellos soltos em chuva sobre o avelludado das costas núas, Antilope ou Clytias nos requêbros voluptuarios do somno á sombra das florestas, que o cinzel dos estatuarios antigos, os lascivos pinceis de Zeuxis e Phidias, os versos dos poetas pagãos traduziram a esses homens novos, — veiu a poesia nebulosa e Ossianica, —

em lugar das roupas roçagantes, das tremulas sedas Sericas, das transparentes escomilhas purpuras de Cós, perfumadas de nardo Assyrio e dos incensos da Árabia escrava — vierão os longos véos brancos, as creaturas dos poetas se transformarão em nevoas, deixarão a terra com suas bellezas ardentes para irem sonhar á lua, um anjo, uma Sylphide em cada nebrina alvacenta pousada nas ramagens das florestas — em lugar desses bosques fallantes povoados de Dryadas, onde cada gemido de briza parecia um anhello de nymphas, onde cada sussurro das lymphas do rio era o chamado de uma bella creatura por algum Hylas formoso, vierão os cyprestes esguios e escuros, com suas sombras alongadas, movendo-se com a lividez sepulcral das luzes da lua, e além, nas sombras, as fórmulas incertas das virgens chorosas dos bardos boreaes.

Foi uma terrivel reacção. Os poetas modernos rião-se dos antigos por terem misturado a theogonia pagã com a theologia christã, culpavão o Homero portuguez por essa mistura de Aphrodites e a Virgem Maria, Mercurio e Jehovah; e comtudo acharão muito bonito misturarem-se os anjos do Livro das crenças sagradas com as Sylphides, os Gnomos, Elfos, Gigantes e anões, dos sonhos dos poetas runicos do Norte, as tradições Biblicas dos seraphins com as superstições não menos pagãs que as romanas e gregas, dos clans de Morven

e Erin, e dos caçadores de phocas e ursos, dos gelos dessa Islandia de pescadores que se estendera á Groelandia, e da triplice Scandinavia.

Iamos-nos desviando das theses da nossa classificação. — Voltemos a ellas. Vimos pois como appareceu a poesia do bello ideal, com suas vizões vaporosas e nevoentas, com seus anjos de cabellos loiros desmaiados e rostos ováes, com olhos azues-languidos e uma lagrima sempre nas faces e um sorrizo triste nos labios descorados — e seus sylphos aerios, seus Triblys vagabundos e galhofeiros, seus Gobelinos de azas de borboleta, e seus duendes malignos vagando nos paues para desviar e perder os viajantes.

A poesia do bello sentimental é para nós a mais bella : são esses hymnos que exhalão-se do coração como os perfumes da redoma quebrada de crystal onde se guarda o balsamo, como o aroma das flores abertas ao Sol — é o coração enternecido e embalado ao som dos cantos, desfeito em harmonias, aves côr de neve voando em céu de sonhos.

Porém se somos tão apaixonados desse bello, se o achamos talvez o mais doce de todos tres, comtudo não somos daquelles que deixão o bello material.

O que ha ahi de mais poetico do que uma mulher bella, com os cabellos soltos entrelaçados de flores e perolas, e dentre as roupas meio

abertas o collo de chamalote branco a lhe ondear com reflexos de setim, com os labios rozados entreabertos num sorrizo, mostrando como grãs de uma romã verde os dentes tão alvos, tão prateados que melhor os dissereis perolas?

E ante um desses olhares de humido fulgôr, de uma pupilla languida de effluvios de gôzo, ante um desses volveres de enfeitado condão de uns olhos negros cheios de amor, promettendo amor, quem ha ahi que não sinta a alma no peito estremecida, anhellante, desmaiando de aneios, sequiosa de orvalhos de beijos, e a correr-lhe nas veias o sangue com ardor mais suave, os olhos emfraquecidos de uma nuvem de prazer, sem luz, sem côr, sem vida, embriagados de enleio, — e os labios immoveis, entreabertos, sem halito, — quem ha que não a sinta a sua alma exanime, esvaecida, quasi morta num suspiro, nessa morte, na expressão de Bocage — « de uns brandos olhos desmaiados, morte, morte de amor, melhor que a vida »?

E ha na terra sensação de bello mais forte, mais cheia de poesia que essa?

Porém como os perfumes das flores são mais bellos quando misturados no ramilheté que traz no collo voluptuoso a donairoza donzella no baile, como as côres são mais bellas quando bem combinadas no iris do céu, ou nesses matizes dos crepusculos de outomno e verão, e os sons são

mais doces ao ouvido quando reunidos na orchestra, combinados com arte e gosto nessas peças de Bellini e Donizetti, assim **tambem** mais se lhes realça o valor a esses tres generos de bello, quando se reuñem num objecto.

E' esse, ou pretende sei-o ao menos, o fim da poesia romantica.

Talvez se notasse não ter eu nesses tres generos de bello fallado do bello-sublime, ter corrido das cordas da prima do violão em diante parando no bordão. — Fil-o de proposito.

Ha dous generos de bello — Ha o bello doce e meigo, o bello propriamente dito — e esse outro mais alto — o sublime.

A aguia no seu ninho afagando as suas avezinhas, carregando-as nas antenas poderosas das azas, beijando-as, aqueitando-as ao peito — eis o bello da primeira divisão, o bello meigo e doce; — mas suba a aguia a perder-se nas immensidades do céu nubloso, entre o rugir solto dos ventos e o rouquejar percursor da borrasca, ou lance-se ella de là ao seu ninho atacado, veção-na lutar com garras e bico, lutar até morrer, veção-na com as azas molhadas de sangue e a cabeça abatida, os olhos já vidrados cobrir ainda suas crias, e morrer ainda amparando-as como um escudo — eis ahi o sublime.

Agora quereis ver o sublime ideal, o sublime sentimental e o sublime material?

Abri as folhas do Livro Santo, nos Psalmos, nos Threnos, ou nas Prophecias, ou nas lamentações de Job sobre o primeiro — vede ahi a imagem de Jehovah, nesses sonhos tenebrosos e sombrios dos poetas da Judéa, esses velhos prophetas de fronte altiva, e calvas coroadas de cãs prateadas, ouvi a voz trovejadora do Deus do Sinai, e depois disse-me, sentistes já emoção mais forte vibrar-vos as fibras todas da harpa de vossa alma abalar-vos com um choque tão poderoso como o da pilha Voltaica?

Eis o sublime ideal — mais bello mil vezes, mais elevado e mais forte que todas essas vizões do bardo sublime das montanhas brumosas dos Highlands.

Quereis ver o sublime sentimental? Vinde comigo — dai-me a mão. — A noite vai tenebrosa, e a ventania se levanta rija nas montanhas, o céu de espaço a espaço se entre-abre alumando com vislumbres de clarões ondeantes de incendiô á terra convulsada. — Vedes aquelle monte de cristã negra, escavada e nua? Á luz do relampago da tormenta não vistes alli a fôrma de um cadaver pregada a um madeiro? Nos intervalos do trovão não ouvistes soluços que eshalarão-se de aó pé? Ide lá, ide sorrindo que eu não ouzara lá ir, tanto é solemne o sacrificio que lá se consumma. — Ide e perguntai a essas mulheres porque chorão, porque gemem, porque lhes estalla o peito em

soluções no ancilar atropellado do coração..... Ide, ainda é tempo e cada som quebrado da garganta do agonisante da cruz, cada convulsar de uma angustia intensa dessas pobres mulheres que abração o madeiro repassado de sangue e lagrimas, dir-vos-ha mais do que eu vos podera dizer.

Eis ahi o sublime sentimental.

Cada suspiro de uma daquellas fórmas brancas e desgrenhadas, cada voz soluçada por aquella trindade santa de martyres dir-vos-ha o que palavras não sabem ressumbrar.

E o sublime material, — dissei, nunca o sentistes no estallar das florestas sob o pezo gigante do bulcão, no nutar das vagas hirtas e verde-negras que o braço da tormenta eleva e atira em lenções de fervedora escuma, no cheiro abafador e sulfureo dos ares cortados pelo raio? Dissei, nunca assististes a um desses dramas da natureza em que o vento infrene lucta com o mar que esbraveia, e o mar parece querer invadir nuvens e terras, que o raio affogueia? Essa scena tremebunda do dia final, tão sublime sempre, apesar de tão vista, tão abaladora ainda no descrever dos cantos soltos dos poetas, quando não ha um só que com a lembranças della não estremecesse as cordas de ferro de sua harpa?

FRONTISPICIO

Qui peut dire les rêves du poëte avant qu'il se soit refroidi à nous les raconter?

G. SAND.



O POEMA DE UM LOUCO

There is something wick I dread
It is a dark, a fearful thing

.....
That thought comes o'er me in the hour
Of grief, of sickness, of sadness
'Tis not the dread of death! 'tis more
— It is the dread of madness.

LUCRETIA DAVIDSON.

I

Foi poeta: cantou, e o estro em fogo
Crestou-lhe o peito, devorou seus dias
E a febre ardente desbotou-lhe a fronte
Em dores sós, em delirar insano.

Foi poeta: cantou, sonhou: a vida
Canto e sonhos lhe foi. Amor e gloria
Com azas brancas viu sorrindo em vôos.
Foi-lhe vida: sonhar: e ardentes sonhos
A fronte lhe accenderão, lhe estrellarão
Magico da existencia o firmamento.

Cantou, sonhou — amou: cantos e sonhos
Em amor converteu-os. De joelhos
Em fundo enlevo elle esperou baixasse
Alguma luz do céu, que amor dicesse —

Anjo ou mulher! embora que elle a amara
Co' fogo queimador que o consumia
Com o amor de poeta que o matava!
Anjo ou mulher — embora! e em longas preces
Noite e dia o esperou — Misero! embalde.

Sonhou — amou — cantou: em loucos versos
Evaporou a vida absorta em sonhos —
E debalde! ninguem chorou-lhe os prantos
Que sobre as mortas illusões já findas
Pallido derramára —

Amou! E um peito
Junto ao seu não ouviu bater consoante
C'os amores do seu! Ninguem amou-o
E nem as magoas lhe affogou num beijo! —

E morreu sem amor! Bateu-lhe embalde
O pobre coração em loucas ancias.
Passou ignoto, solitario e triste
Entre os anjos do amor, só viu-lhes rizo
Em braços d'outros — e invejosa magoa
Essa alheia ventura só lhe trouxe.
Nunca a mão d'elle de uma fronte branca

A alva coroa fez cahir da virgem —
Jovem, solteiro, sem consorcio d'alma
Entre as rozas da vida — mas nenhuma
Nem deu-lhe um rizo — nem do moço pallido
No imo d'alma guardou uma saudade!

Mas se á terra saudades não deixára
Não levou-as tambem — do peito o orgulho
Que ninguem quiz amar, ninguem amou.
— Foi-lhe chimera o amor, não mais lembrou-o,
Tentou-o ao menos.— E que importa um morto?—
Doido é quem geme em lagrimar esteril —
Quando o luto findou e alegre o baile
Corre entre flores no valsar, quem lembra
O defunto que é podre no jazigo?...
— Morrera-lhe o sonhar — porque choral-o?

E morreu sem amor! E elle comtudo
Tinha no peito tanto amor e vida!
Alma de sonhos, tão ardentes, cheia!
E anhellante do amor do peito — em outro
Em horas ternas effundir em beijos!

E ás vezes quando a fronte pela febre
Pezada e quente sobre as mãos firmava,
Quando esse delirar febril da insomnia
Em vertigens travava de sua alma,
Um negro pensamento lhe passava

Como um fuzil no cerebro fervente.
 E pensava dos loucos no delirio,
 Na escura treva da vertigem tonta;
 Temia — a morte não — mais — a loucura.

Oh! livra-se o Senhor que apoz das magoas
 Que o seio lhe hão crestado em agonias
 Da doudice viesse a nevoa escura
 Mergulhar-lhe o espirito! —

Antes, antes

Da agonia mortal o torpor gélido!
 Antes a morte fria — o cemiterio
 Ermo e isolado, com seu chão de lousas,
 Antes o somno do humido jazigo....

Meu Deus! e apoz de tanto soffrimento,
 De tantas baldas lagrimas vertidas,
 De tanto fel bebido em taça amarga,
 De plebe estulta no hospital ser inda
 Triste ludibrio de insolente escarneo!

Foi poeta — cantou — sonhou. — Mas hoje
 Era-lhe morta a inspiração no peito,
 Fugira a poesia, a insomnia sua
 Secca das lagrimas a esponja nelle. —

II

O poeta enlouqueceu — A alma sublime
 Perdera o sizo — Como uma aguia em trevas

— Tropeçava e cahia — Pobre moço!
Foi-lhe palacio o hospital, a esse
Cuja fronte era um throno á poesia!

III

Eil-o nas palhas do seu duro leito,
Livido e frio co'um sorrizo idiota
A arregaçar-lhe o resequido labio,
Desvairado o olhar — de olheiras roxas —
Com empanada luz no fundo escuro,
E entre o sorrir dos labios lhe parava
Nas seccas faces derradeira lagrima.

Hirsutas as melenas, negras, asperas
Cahião-lhe na fronte. — O movimento
Abrira-lhe a camisa. Ao magro peito
Os ossos se contavão a mostrarem
Dos causticos ainda as queimaduras.

Velava um guarda junto delle como
De brava fera na gaiola aos pulos
A rugir, movimentos se vigiam.

IV

Extenuado das lutas arquejava
Esse fantasma de homem sobre o leito.
Subito estremeceu, ficou mais alvo
Inteiro se estendeu convulso.

Mas breve foi-lhe a convulsão; quebrado
Um afflicto soluço na garganta
Lhe rouquejou — o derradeiro — e o frio
Da noite extrema endureceu-lhe os membros.

V

Veio depois da caridosa casa
Algum homem talvez — Pol'os ombros
E em mal cavada cova donde os ossos,
Desenterrados do primeiro dono
Desse leito de lodo o chão juncavão,
Atirarão-lhe o corpo brutalmente,
Das cavernas do peito lhe estallando
Os calcinados ossos — uns punhados
De terra apodrecida — obra mui pia,
Lar de misericordia certo é esse
Onde tal se pratica. — A eterna benção
De inteiras gerações no andar dos seculos
Desça sobre esses bemfazejos tectos!...

VI

Por sobre as palhas do colchão do louco
Achou-se um livro. — Mal escriptas lettras,
Ninguem soube entender — Então eu vi-o,
Levado apenas de curioso instincto
Livrei-o á destruição. — Chegando á casa
Abri-o e puz-me a decifrar-lhe o escripto.

Era um grosso caderno. As toscas linhas
Erão versos. — Nem titulo escrevera
Na frente ao livro seu cantor ignoto. —
Nem seu nome sequer! — Muita leitura
Mostravão nodoas que imprimirão nelle
As mãos sujas do louco. — A lettra ás vezes
Embranquecida descorárão gottas
De copiosas lagrimas. O morto
Talvez gravasse ahi idéas caras
Do passado da vida! Fosse embora
Qual a razão — as lagrimas cahidas
Nas folhas do papel vi-as no livro.

VII

Foi-me insana tarefa o decifral-as
As mal escriptas linhas. — Parecia
Que se esmerára por fazer difficil
Sua leitura o author. — Algumas vezes
Substituí versos meus a linhas delle
Que eu não soubera traduzir. — Comtudo,
Por querel-o não fiz — e a muitas outras
Embora achasse mal torneado o verso
E solto o estylo em liberdade extrema,
Não quiz levar-lhes minha mão profana
Dos sonhos delle ás expressões selvagens
De inspiração febril. Puz-lhe igual titulo —
Do Conde Lopo o nome: o heróe do canto
O confessava o trovador anonymo.

VIII

Não maldigão o fel dos cantos delle!
Foi um Tasso sem risos de Leonora!
E pois descreu — e pois maldisse tudo
No catre do hospital, na luz escassa —
A vida e os sonhos e esperanças bellas!

Co'a negra dôr sympathisei do louco,
Com seu cântar de coração dorido,
E amei-lhe essa altivez d'alma quebrada
Que lhe resumbra no poetar amargo.





PRIMEIRA PAGINA

Mes vers sont le tombeau tout brodé de sculptures,
Ils cachent un cadavre sous leurs fioritures,
Ils pleurent bien souvent en paraissant chanter.

THEOPH. GAUTHIER.

I

Do campo santo onde o lethargo dormem
Fundo e sem fim os que viventes forão,
No silencio das sombras — estendida
Jaz muita lousa ennegrecida e humida,
Por cujas. figas escorrega o musgo
E a cicuta das ruinas.

II

O peregrino vagador dos ermos,
Entre essas todas nunca viste, mudo,
Sem lettra em cima, sem sequer madeiro

De simples cruz que te dissesse o dia
Em que a morte levou esse que hi dorme,
Coberta do hervaçal tosco lagedo?

III

Repousa aqui muita illusão desfeita,
Muita aurea nuvem arrarada em chuva
E muita flôr pulverisada em cinza.
Como outros d'homens são — de sonhos d'alma
De lembranças da vida, é este um tumulo.

IV

E como a lage que a indiscretas vistas
Guarda o segredo seu em tréva espessa,
Que não ha vel-o — Como as pedras negras
Onde calou seu erguedor um nome
P'ra que o mysterio seu não venhão lel-o
Na pagina de pedra do sepulcro,
Quando na solidão das horas mortas
Virem-n'ò erguer-se desse chão hervoso
Com olhos cegos do inundar das lagrimas;
Assim meu livro deixal-o-hei sem firma.
Leião-n'ò embora curiosas vistas
Que estudão o soffrer com almas frias!
Veirão a autopsia d'agonia funda
Que o peito me lavrou. — Emquanto ao nome
Do padecente, para que sabel-o?

V

E só eu poderei nas ermas horas
Molhar-lhe em pranto as paginas — bem como
Ao cadaver que rõe a cal no fosso
O unico sabedor da historia d'elle.



A

.....

D.

O

A.

PRIMEIRA PARTE

CANTOS I e II

Eat, drink and love: what can the rest avail us?

BYRON. *Don Juan.*

OUVERTURA

Sê bem vinda minh'amada,
Toda em perfumes banhada,
Toda alegria e frescor;
Quero cingir-te em abraço,
E depois no teu rêgaço
Adormeça o Trovador.

JOÃO DE LEMOS.



OUVERTURA

(SYMPHONIA)

REMEM as folhas no correr da aragem
Com seus perfumes enlevando magoas,
E á noite bella sonharei cantando
 Como o cysne das aguas.

Cala-te, louco bardo! é doce a vida!
— E em que delirios d'alma imagináras
Um céu mais limpido, um luar mais puro?...
 Poeta, onde os sonháras?

Que visão bella de ennevoadas fórmãs,
De romantica face entristecida
Que valha o riso que perfuma os labios
 Do meu anjo da vida?

De loucos sonhos que ternuras ébrias
Que valhão-lhe o tremor do niveo seio
E o amortecido olhar, humido, languido
 De feiticeiro enleio?

Amemos! que na terra a vida é o gozo!
Ternuras n'alma, embriaguez nos labios
Sorria o coração! que importa o escarneo
Da voz fria dos *sabios*?

Gema no campo em que apodrecem mortos.
Da tréva o sonhador, fallando aos ventos
Durma co'a face em lagrimas na terra
Que nem lhe ouve os lamentos.

Que eu a vida amarei, hei de cantar-lhe
Entre os beijos de languida donzella,
Na fronte rosas, com a taça em punho
Döces mysterios della.

O fresco do luar vertigens varre,
Idéas de suicidio em negra mente.
Vem pois comigo — sonharemos juntos
Cantando alegremente.

II

A GEORGE SAND

I

Lelia ou Consuelo? Espirito de Byron
Em fórmas bellas de mulher ardente,
Alma de braza a estremecer contornos
De voluptuosos, arquejantes seios,

Voz de magico cysne em roseos labios
Que vivos accendeu da orgia a febre,
Genio sublime d'ideaes romances
Cheios de sangue e de blasphemia acerba,
Como essa téla do pintor flamengo
De sombrios paineis — Rembrant o pallido
— Onde no claro escuro em ar trevoso
Aurea restea de luz descai na fronte
De candida visão.

Mulher sublime

De poemas infernaes, d'alma descrida
Em corpo ethereo — Jorge Sand, na terra
Que peito d'homem que te lesse os cantos
E alma de poeta que entender podesse
Do teu sonhar as harmonias — negras
Como no escuro temporal o vento
A ulular nos pinheiraes quebrados,
Nas ribas negras onde o mar rebenta
Num grito de agonias, oh! e que alma
Que não sonhasse-te, em ardentes sonhos,
Sequer sentir o ardor desses teus labios,
Dos olhos teus de scintillar soberbo,
De viva inspiração e anhellos igneos,
E teu seio a anciar com ondas turvas
No além do alto mar, por sob o delle,
Mulher! qual desses pallidos mancebos
D'almas de lavas que o condão do genio

Trazem escripto na descôr sombria
Da fronte erguida — corações que enleva
O talisman de arrebatada idéa —

Que de joelhos no fervor do anhello
Co'os olhos cegos do orvalhar das lagrimas
Os labios tremulos e a voz cortada
 Não te sonhasse amores?

3

Fada ou mulher, anjo ou demonio, és bella!
Que eu daqui te sonhei huri do Oriente
De langue olhar e abrazadores labios
E seio abalador de enlace ardente!

E pois que a sina me vedou venturas
No peito viverei co'a imagem della!
D'irresistivel talisman és deusa,
Fada ou mulher, anjo ou demonio, és bella!

4

Tem sons que abalão tremulas as fibras
Todas do hiante coração, tua harpa.
Tens olhares que vibrão como raios
Clareando a escuridão, — p'lo peito a dentro
Esses teus olhos de divino fogo —
O correr da torrente em brancas ondas
De fervedora espuma, tens no collo
Quando nas horas do prazer se agita
E em suspiros desfeito morre e mata!

6

Vem! Rainha da noite, eu quero amar-te
Co'os rubros labios humidos de vinho!
Tremula em vida quero-te mais longe

Esse olhar que inebria,
E que não rende essa embriaguez dos rizos
Ao som de cantos o passar de um beijo —
Nos labios fogo, o coração sedento
No sussurrar da Orgia?

7

E pois que o meu desejo é na loucura —
Vem, ó pallida bella
Quero-te os beijos de mais alma e fogo...
E hei de amar-te por ella...

III

1

Vem, ó Walkiria, vem co'as faces roseas
Da febre do prazer! transborde a taça
Os liquidos rubins de doces vinhos!
Bebe, primeiro! pouza os lisos labios
Nas bordas do crystal! Fiquem mais doces
Co'aroma de teu halito de fada —
O Siciliano primoroso nectár. —
Dá-mo agora — beberei-te um brinde!
Onde minha guitarra? dêem'ma, eu quero
Um cantico dizer, ebrio de amores!

Pousa-me a neve de teu braço em torno
 Do collo meu, no meu olhar se fixem
 Languidos, mui languidos, bem cheios
 De feiticeiro enlouquecer teus olhos!

Que rosas abertas em fresca manhã
 Molhadas da noite, de face lasciva —
 Que valhão-te o nacar de nympha louçã
 Que a bocca te aviva?

E quando na terra sôa Ave Maria,
 Que estrella nascendo do céu no azular,
 Que nuvem morrendo na vaga sombria
 Que valha-te o olhar?

De Tasso ou de Dante que gloria, que loiros,
 Que amores, que sonhos de alheiar o sizo,
 De uns seios de neve que argenteos thesoiros
 Que valhão-te um rizo?

Que sylphides, que anjos fingidos nos sonhos
 De uma alma de poeta num fervido anejo
 Que valhão-te um beijo?

2

Vem, pois, minha sultana! a noite é bella!
 Corre a lua no céu entre perfumes,
 Tudo falla de amores, o ar, as sombras

Das folhas ao luar, e o azul das aguas.
Amemo-nos portanto — a noite é bella!
Mais bella a tornem nossos longos beijos —
Vem pois — formosa, que o Sultão escravo
Pede-te ancioso um'hora de volupia.

3

Co'a face bella no meu quente seio
Que fazes, muda assim? dormes, Sultana?
Fraqueou-te o vinho, de cançada — a mente
E dormes na embriaguez immensa idéa
Dos termos do viver?

Oh! como és bella!

Dormida assim com entreabertos labios,
Como rubins de uma romã partida
Pelo estallar da madurez — purpureos,
Chamando beijos no sonhar da vida?

4

Dorme, ó anjo de amor, teu quêdo somno
Pelo anciar de meu peito acalentada;
Mãos sonhos não virão pousar-te n'alma
Em dôr de coração! Tepida a aragem
Fagueira corre nas abertas flôres.
Um raio de luar por entre os vidros,
Da janella coado vem pousar-te
Sobre a fronte nevada — dorme! e entanto
Nesses teus labios que um sorrir descerra
Como rosa á manhã, purpureos, breves,

Eu sonharei uns visos de ventura,
E cá dentro do peito a dôr da vida
Tambem me dormirá! dorme, meu anjo!
Hei de affagar-te o somno, hei de doural-o
Com hymnos mui sentidos, muito d'alma.

Dorme, ó anjo de amor, teu quêdo somno
Aqui no peito meu! dorme que eu vélo!
Cerrem-se tuas palpebras de jaspe!
Em molle resomnar arfe-te o collo!
Que os suspiros que exhalão-se-te nos labios
Esse dos seios teus tremor suave
Sonhe meu coração, e uma lagrima
De gozo rolle-me do ardido cerebro
Que a dôr na solidão me tem crestado!

Além a briza as casualinas freme,
Gemedoras suspirão as ramagens
Num languido soar — a lua frouxa
A face te clareia — tudo dorme,
Tudo é silencio em torno! só eu vélo
Só eu — junto de ti. — Dorme, dorme,
Que véla-te o cantor a hora dos sonhos!



CANTO I
VIDA DA NOITE

And none did love him:
CHILDE HAROLD.



CANTO I

I

SONETO

Um beijo ainda! os labios teus, donzella,
Nos meus se pousem — junto de teu seio
Que treme-te e palpita em doce enleio
Beba eu o amor que teu olhar revela. —

Vem ainda uma vez! és pura e bella,
Arfa-te o seio, amor n'olhos te leio...
Que importa o mais? vem anjo, sem receio!
Um beijo em tua face! ind'outro nella!

Aperta-me ao teu collo — assim. — um beijo
Desses em que ao céo um'alma se transporta!...
— « E o mundo?...
— « Um louco.
— « E o crime?
— « Só te vejo.

— « Mas quando a vida em nós gelou-se morta

— « E o inferno?...

— « Comtigo eu o desejo.

— « E Deus?

— « Meu Deus és tú,

— « E o céu?

— « Que importa!

II

Quero-te um beijo mais! que num só beijo
 Exhala-se uma vida em uns rizonhos
 Scismar gozos — e o labio teu me abraza
 Me prende e mata o coração em sonhos!

Deixa que a fronte eu pouse-te no seio!
 — É molle o somno em tão suave leito
 E alma esquecida do soffrer, se embebe
 E dorme em paz sem leve dôr no peito!

III

Humido olhar de enlanguecidos olhos
 Furtiva lagrima enevada d'entre
 O véo dos cilios que o pudor abaixa,
 Intenso beijo ao fremito dos labios
 E um seio que palpita e em ais se afoga
 Sob peito ardente — eis a unica ventura
 Real e santa —

E o que mais na terra

O que mais de illusões, que como a nevoa
 Do desengano o sol esvae e apaga,
 Mentidos risos que perfumão alma.
 Em sonhos ebrios que o acordar esmaga
 E do fel rega de um chorar que queima,
 Que mais da vida ao coração soffrido
 De saudade de fel merece lagrimas?

I

Era um quarto sumptuoso; o chão rojavão
 Lucidas télas de avelludadas sedas
 Dò Persico tapete. — Luz o marmore
 No lavor dos portaes — quando engrinaldão
 Com cheirosos festões de novas flôres.

O aberto reposteiro deixa a vista
 Pela varanda a lua desvairar-se
 Té que perde-se além entre os matizes
 De viçosos jardins. —

É noite, é bella,
 E as pilastras branqueia a briza fria.
 P'los bordados reflexos do damasco
 E das grinaldas ao olôr influem-se
 O do ar cheiroso do luar tardio.

.

II

Em rico leito, no velludo negro
 Embuçado do manto pallideja
 De uma sinistra morbidez eivada
 A fronte alta do Conde, os olhos negros
 Que das olheiras no azular se afundão
 Signalão noite perpassada em gozos.
 Tem a fronte na mão e mudo pensa.
 Sentada ás bordas do macio leito
 Uma bella mulher —

Inda lhe luta

Das faces na descôr desfeita rosa ;
 Sorri suave. — Em ondas os cabellos
 Correm-lhe negros nos nevados hombros
 E no collo de jaspe — a mão mimosa
 Pousa na do mancebo — e os olhos nelle. —

Dissereis uma estatua, immovel, bella
 Como da Grecia as petreas creaturas ;
 Nunca uma Venus de adestrado scopro
 Sahiu tão alva assim — oh ! nunca um talhe
 Em transparentes roupas mal velado,
 Nunca tão lizas desvestidas fórmãs
 Tiverão vida assim — e a mente ardida
 Do moço Raphael a Fornarina
 Com tal vida de côres nunca pôde
 Dentre seus sonhos desenhar na téla,
 E ao mundo revellar imos segredos
 Do seu vivo ideal.

Oh ! que se a visse
 Dir-te-hia o coração — vel-a é amal-a !

III

E nunca ouviste, por ahi, na vida,
 Fallar de umas mulheres que a flôr d'alma
 Prostituem por ouro? nunca o peito
 Abalou-te um rugir ouvindo os cantos
 De tanta perdição? —

Mas talvez viste

Um dia á porta — ao bruxulear da tarde
 C'os seios descobertos vir sentar-se
 C'um forçado sorrir nos seccos labios
 Do abjecto lupanar á porta infame
 Desgrenhada mulher.

E então o nojo

Quiçá do peito teu apoderou-se...
 Pois essas vis que a perdição enloda
 Em charco apodrecido — e a esse nome
 De vendida mulher — de prostituta
 Ligaste o nojo e o desprezo — apenas.

Porém se a meretriz viesses tu bella
 Como os anjos de Deus e á luz das noites
 Em estrellado céu, rosea sorrindo
 Qual cravo entre rubins vasando orvalho —
 A não amal-a e o coração inteiro
 Não vasares-lh'o aos pés como aureo vaso
 De essencia preciosa — ao menos n'alma,
 Não doera-te uma fibra, e compassiva
 Não te cahira aos labios uma lagrima
 N'um soluçar quebrado?

IV

Era pois a mulher uma perdida
O mancebo um poeta — alma quebrada
Em fragoas do sonhar — que fôra ás noites
De gozo queimador pedir repouzo
Para a fronte febril. Amára as orgias
Pois das taças á luz, ao som de cantos
Como as amava o grande-rei de Byron
(O mestre do viver — Sardanapalo —)
Entre flores e beijos e perfumes
— Tres cousas em que cifra-se a ventura
Que não de louco sonhador — na terra —
Dormia ás vezes embalado e quêdo
No peito seu o recordar dos sonhos —
Na mente a duvida e o fel nos labios.

Chamaram-n'o talvez prodigo e louco
De orgias viverdor — e perdulario —
Virtuosos do mundo...

Elle era rico —

Nas abertas gavetas ás mãos cheias
Tirava o ouro. —

Amigos — não os tinha
Como o Childe de Byron — mas ainda
Desgosto amargo do viver — tão fundo
Não lhe roera o coração — ainda,
Embora elle o calasse, adormecidas
Eram-lhe n'alma, apenas, essas fibras

Que estremecem de amor. —

Se o fêl do escarneo

Os desvairados labios lhe seccava

Se a ironia passava-lhe continua

Nas frias expressões — não é que gelo

Jazesse nelle o coração — nem que elle

Fosse como Timon de Athenas — esse

Mysanthropo dos bosques —

Não! que viram

Os penhascos do mar quando a deshoras

Por escuro luar vagava — o crino

Do silencio das noites isentando, —

O pallido estrangeiro as faces cheias

De queimadoras lagrimas... e o peito

Quasi em soluços a estallar co'a dextra

Comprimir arquejando...

E pois que digam

O que quizerem. — Mão ou bom o chamem,

Espirito perdido — arrebatado

Pela imaginação como o Propheta

No carro chamejante — ou mesmo chamem

Alma louca varrida... isso que importa?

VI

Era elle rico pois — nascera nobre

Mas como poucos nascem, nobre n'alma

E por velhos brazões d'encoscorados

Pergaminhos que os tempos apagaram.

Porque a patria deixou, mudando o nome
 Ninguém soube dizer-m'ó. — A côr dos olhos
 E dos negros cabellos annellados,
 A doçura da voz, rispida ás vezes,
 — Poucas é certo — e o nariz delgado
 E de talhe aquilino — o abrir dos labios
 — Mil outras cousas que ninguém define.
 Dizem-n'ó filho de um ardente clima
 Quiçá do sol d'Hespanha; — bem irmanam
 Suas feições co'as das valentes raças
 Dos cavalheiros Arabes fundidas
 No sangue Wisigodo. — Mas de certo
 Eu nada affirmarei — e pois ignoto
 Do meu poema o nobre heróe desenho. —

VII

Ergueu-se a linda, a languida mulher,
 Uma e uma vibrou as cordas aureas
 Da harpa melodiosa, e co'a mão breve
 As madeixas lançou por sobre as costas
 Que mais alvas ficaram p'lo negrume
 Das reluzentes, copiosas ondas.—

.
 Cantou; — da noite adormecidos echos
 Da viração nas azas resoaram
 O harmonico languor dos labios della.

VIII

Era um cantar de delirante gozo —
 Em deleites uma alma a transbordar-se
 P'las soltas cordas d'harpa estremecida
 Num unico tremor; eram delicias
 De mavioso trovar, ás vezes, languido —
 Era um som feiticeiro que prendia
 Era de gozo embevecida, cheia
 A vida a palpitar, alma a partir-se
 Numa harmonia, numa voz fugindo.

Porém ás vezes férvidas vibravam
 Sob os dedos de neve as duras cordas,
 E indomito rugir corria livre
 Como a briza do mar nas crespas vagas —
 Ou noroeste que balança as arvores
 Em fantastica dança, e vôa envolto
 Em seu manto de pó zunindo bravo,
 Varrendo da floresta as verdes folhas

· · · · ·
 · · · · ·
 Pendeu a face — suspirou — callou-lhe
 No descerrado labio a voz aerea —
 E a fronte envolta nos cabellos negros
 Pousou na trave de sua harpa muda.

IX

Disse-lhe o moço entre um sorrir:
 « Que scisma
 Minha bella o soido então gelou-te

Das cordas no pulsar? que idéa veiu
 Tua mente enlevar, roubar, leval-a
 No seu vôo sem fim junto com ella,
 — Como a nuvem no Céu, que enlaça e prende
 Uma outra — e vôa, aos desabridos ventos
 Abrindo as largas azas no horizonte.

—

« Choras! Longa uma lagrima te corre
 No carmezim das faces... Porque choras?
 Lembrou-te acaso o descantar do gozo
 Algum primeiro — quasi findo sonho
 De sacrosanto viso?

—

« Porque olhas-me assim? porque te oscilla
 No velludo dos olhos uma lagrima?

—

« Porque olhas-me assim? Gemes, suspiras?
 Sonhaste acaso meu amor? »

— « Sonhei-o

« E sonho foi do coração ».

— « Esquece-o

Que foi mentido sonho, idéa louca
 Que negra te pouzou na flor dos seios.

.

« Ouve — corri a vida em longas dôres.
A deshoras vaguei nos mares negros
Da noite á escuridão abrindo as vélas
Do rapido batel — fitei sosinho
Da prôa solitaria o céu e os mares
E os rochedos de além — nem alga ou lenho,
Nem afastada luz, nem vulto branco
Nas rochas e no mar — nem um luzido
De desmaiada estrella em céos de tinta!
Tudo deserto — terra e céu — sombrios
Como o meu coração, mudez e trevas.

« Não amou-me ninguém! deixaram que
Mirrasse uma existencia em sonhos gasta!
Não amou-me ninguém! nem veio quem
Ás minhas magoas soluçasse — Basta!

« Muito pranto chorei e cada gotta
Ao tombar-me no seio endureceu-m'ó!
Muito soluço de agonia insomne.
Espedaçou-me o peito! — E longa vida,
Em breve espaço me correu! — bem longa!
E se os cabellos não branquearam todos
No ardor febril da fronte — aqui no peito
Gelou de velho o coração já rôto.

« Não chores — bem o vês — não posso amar-te!

« E andei por esse mundo a sós co'a magoa
A doer-me nos seios como um cancro.
Descri ; — pallido riso desmaiado
Franziu-me os labios que estallára a febre.

Ninguem quizera amar-me — e endurecida
A alma se me cerrou da vida aos sonhos.

« E ahi na vida quantas, quantas vezes
Eu não vi esvaecer-se descorada
Em meus beijos de fogo a imagem rapida
Dos meus sonhos do céo — e após ao sonho
Á vizão doce succeder gelada
Triste realidade? — que em meus braços
O anjo tornava-se mulher — e apenas
A minha Deusa — esvaecida nuvem.

« Descri — como eu te disse — e quando veio
Uma alma virgem p'ra vasar na minha
Seus thesourós de amor e de caricias,
Irmã do meu sentir — desconheci-a,
Matei-lhe a flor do sonho — e ri-me della.

« E quantas flores desmaiadas, frias,
Não cahiram-me aos pés, sem côr, nem vida!
Como rosa que o vento desflorára!
Quanta alma bella no intimo do seio
Anhellante e ardente como o estio
Não gelou meu sorrir? Eu ri-me dellas
Com escarneo de fél — e tristes, pallidas
Morreram como pombas — como flores
Que um louco esperdiçou. — E não chorei-as
Nem choro-as hoje que melhor lhes fôra
O amor dos seraphins... pois eram santas!
« E pois tu vês, mulher, não posso amar-te!
O sentimento candido não posso
Dar-t'ó, bella — mirrou-m'ó aqui no peito
O gelido sarcasmo e o fél do escarneo ».

Tomou-a pela mão — junto com ella
Caminhou por salões illuminados,
Tapetados de flores. — Traja roupas
De arrouxado velludo — e quando o manto
No movimento se lh'entreabre, ao peito
Sob a cambraia da camisa leve
No livre respirar, se leem anceios.

.

Rumor confuso nos salões resôa
Em brindes de festim, em gargalhadas
De gargantas de neve e frescos labios.

Do reposteiro de damasco afasta,
 O lavrado matiz de rosea seda
 A mão alva do Conde. — Elle e a moça
 Entraram ambos com geral applauso
 Dos corados convivas.

—

Soam brindes,
 Reboão nas abobadas das salas,
 Mil saúdes ao Conde e á bella dama.

.
 Coberta a fronte de cheirosa c'rôa
 De madresilvas e jasmins tecida,
 Com a taça na mão e olhar em fogo
 Um mancebo se ergueu. Correm-lhe soltos
 Sob os perfumes da grinalda airosa
 Anneis castanhos refulgindo ás luzes
 Dos lustres de crystal — a fronte larga
 De candidez de neve, inda mais bella
 Por sob as flores resplendendo erguida —
 Tem altivez no olhar, risos nos labios,
 E doce a voz no traduzir idéas.

I

« Deusa da noite, perfumada nympha,
 De estremecido collo e olhos bellos,
 Salve! formosa de ademan sereno
 E na hora dos beijos, dos amores
 E o seio a palpitar em terno enleio
 Do vinho no vapor, vague-me em sonhos
 Na mente o devaneio!

2

Inteira a vida hei-de sagrar-te, ó bella,
Cantos de religião só tu me inspiras !
Que importam côres de arrebóes sem nuvens ?
Se eu vivo apenas quando tu deliras
E hei-de rir e beber cantando á noite.
Quero essa vida perpással-a em flores !
Quero o alaúde perfumado em rozas.

3

Qu'importa áquelle que exhalou nas noites
De blasphemia febril o ardor dos labios
Vaporoso sonhar, versos insípidos,
De sonhos juvenis mornos resabios ?
E quando a morte me estender gelado,
O somno irei dormir da noite immensa,
E se sonhar — hão de sorrir-me idéas
De gozo á treva densa.

4

E lá me estendam no torrão do campo
— Mas sem soluços, nem pranteadas dôres —
Co'as frescas rozas do festim na fronte
Ainda turva ao saibo dos licôres !
Na lagea negra que pezar-me ao corpo
Nenhuma lettra cravem, ignorada
No seu leito de pedra — minha vida
Durma o somno do nada.

5

Sómente ás vezes sobre a fria lousa
 Ruidosa passe a delirante orgia!
 Se mortos sentem — o rumôr dos brindes,
 Dos beijos o estallar, louca alegria
 Hão-de-me ao peito despertar lembranças
 De vida gasta em risos de mulher!...
 E ahi que mais que valha uma saudade,
 Um suspiro sequer? »

.

E alegre-se o festim na vozeria
 Da infrene bacchanal. Alaga os peitos
 Estremecida embriaguez suave —
 É mais languido o olhar quando licôres
 A idéa enleiam da mulher formosa.
 É mais tremido o seio quando o aperta
 Uma trémula mão, quando disfarces
 O anhello do gozar desfaz em risos.

—

Vai louca a festa, os cantos se desatam
 Cheios de febre, de anhellar ardente,
 Cheiram mais os perfumes. — São mais bellas
 Co'as faces vivas, e os cabellos soltos
 Cobrindo a neve ao collo, e a roza ao hombro,
 São mais lindas assim com olhos turvos
 E labios anhellantes — as bellezas.

.

—

Sôam vozes na rua, cantos roucos
Fallam de morte e de agonia extrema.
Funebre lividez de tochas placidas
E confuso murmurio — e passos lentos
Soando nas calçadas — o cortejo
Negro d'entorno de um caixão aberto
E dentro branco e frio como marmore
Coberto do sudario, as mãos unidas
Onde o peito bateu — mas hoje é mudo,
As palpebras grudadas — a figura
Alongada p'la morte — vai deitado
No aperto do atháude um corpo d'homem.

Chegaram todos á janella a vel-o
Com rir blasphemo sobre os impios labios,
E a todos regelou no louco cerebro
A embriaguez da orgia o sahimento
E o medonho clarão que leva á cova
Aquelle que morreu...

Só um mais louco
Quiz reprimir o sentimento fundo —
— « Um enterro! que admira? nunca vistes
Gelar-se ao homem o calor da vida?
Deixai o morto que se estire longo
Pelo lençol da cal que fria o enlaiva.
Morreu! que importa mais? materia apenas!
Eil-o só podridão. Porque gelar-vos,

E os calices vermelhos sobre a mesa
Nas horas do festim, deixal-os virgens?
Eia, mancebos, empunhai as taças!
Um brinde, um brinde, a esse que dormiu
Somno fundo da morte em leito frio!
Um brinde á hora dos torpôres humidos!
 Á morte! aos mortos! »





AGONIA NO CALVARIO

Vos omnes qui transitis per viam, attendite
et videte si est dolor sicut dolor meus.

JEREMIAS.

I

ESCURA a tarde e fria — o vento rijo
Correndo pelos ares
Pelo céu negro o vendaval resôa
Uivando nos palmares.
E affogueado listão de luz sanguenta
A bruxulear incerto,
Além pousa nos longes do horisonte
Nos prainos do deserto.
E o licôr no relampago azulado
Lá brilha e morre além
No rapido ondular branqueando os tectos
Da impia Jerusalém.

II

Além — um monte desrelvado e ermo
Frio como um sudario!
E em torno cruces, podridão, caveiras,
Sem tumulto — o Calvario!

III

E n'uma cruz pesada, aspera e dura
Um corpo frio e pallido!
Sangue negro em suor corre-lhe os membros,
Prantos o rosto esqualido —
E os longos negros crespos — que a poeira
Das ruas polvilhára
D'espinhos com ironico diadema
A turba coroára!

IV

Junto ao madeiro — e arrozada em prantos
No véo d'ouro das tranças envolvida —
Pallida a roza que lhe ornava as faces,
Desmaiado o azul do olhar sem vida
Que ardente pranto céga —
Lá está Magdalena -- a flor impura
Que o sôpro do Senhor tornára santa!
E essa outra de joelhos, quem é ella
Que o rosto occulta sob a negra manta
E o chão de pranto rega?
Silencio! a mãe de Deus é quem lá chora!
Olhos cançados do prantear alçando,
Anciosa por ouvir a voz suave
Que em suspiros se corta — ainda orando
Pelo povo infiel!

Oh! santa Virgem! flor que halito infame
Do mundo não manchou! Santa Maria
Das virgens d'Israel o anjo mais bello!
Porque te affoga assim mar de agonia
A alma cheia de fel?

V

E ella inda lá está, immovel, triste,
Pállida, em mudos prantos,
Fervem-lhe os olhos solitarias lagrimas
Ao ver que esses encantos
Do filho amado, livido, sangrento,
A morte os desbotou!
Oh! qual ha coração que dizer possa
Quanto ella chorou?
Oh! qual alma, senão de mãe, entende
Do pranto esse gemido,
Que lhe queimava os desluzidos labios
E o suspiro doído
Que o seio lhe estallava em ferreas ancias?
O' doce mãe de Deus!
Perdôa ao impio que chorar não pôde
Ao ver os prantos teus!

VI

Toda a noite lá 'steve — ouviu-os todos
Queimadores suspiros exhalados
Dos roxos labios do divino martyr.
No extranhar de agonisantes ancias

Ouviu-os todos e a cada um gemido
No imo seio estallava-lhe uma fibra,
E rapida nas faces lhe escorria
Ardente lagrima — e a noite toda,
Sem o vento sentir que as azas frias
Pairava negras pelo ar toldado,
E a gelada saraiva e os relampagos
Com luz de inferno desbotando os muros
Da cidade culpada — a noite toda
Lá jazeu ao relento — e em torno della
O braço do Senhor quebrara as campas,
E os lividos fantasmas á luz crebra
Do fuzil infernal vagueavam torvos
Nas mortalhas sangrentas embuçados!

E a noite toda — em lagrimas passára,
Em duras preces a penar em dôres
Que em durso morso descarnavam fibras
Do corpo nú, de regelado sangue!
Que os olhos baços lá da cruz infame
Com descerrada bocca e a fronte pensa
Rasgada pelas pontas dos espinhos
Do zombador diadema do martyrio!

VII

E o vento soluçava regemendo
Nas rôtas folhas do palmar bravio!
E com prantos de leão em roucas vozes
Carpidor — o trovão bramava negro —

E a terra convulsada estremecia,
E o som dos ventos e o troar das nuvens,
E o convulsar do terremoto ao longe
Eram ao mundo d'agonia um threno
De negro desespero em frios labios!

VIII

E Magdalena nas madeixas humidas
Repassadas de pranto, o rosto frio
Envolvia gemendo — e quando os olhos
Á cruz erguia, ás vezes, vendo o corpo
Da creatura divina, desse outr'ora
Tão formoso Jesus — cortado e frio
E humido todo de suor de sangue,
E os olhos frios — já vidrados — fixos
Onde gelaram lagrimas, alçados,
Á escuridão do céu, ora baixados
Á cidade maldita — Magdalena
Gemebunda, em soluços affogada,
Tremia e ardentes olhos lhe queimava
Um pranto de cegar — em nuvem rubra!

IX

E ás vezes o relampago das cintas
Do deserto alvejando
No calvo cerro illuminava as cruces
E as mulheres chorando!

E era medonha a lividez das faces
Na agonia da cruz!
E essas estatuas de mulher, marmoreas,
Branqueadas da luz!

X

Em affogado soluço um ai quebrado
Da aberta bocca do divino martyr
Com a vida fugia!
E a ultima voz no derradeiro alento
Pelos algozes e descrida gente
Perdão ao Pai pedia...

XI

E lá ficaram ellas toda a noite
No horror das trevas, no gemer dos ventos...

E ás vezes uma gotta despegava-se
De sangue — do cadaver e escorria
Pelo aspero madeiro humedecido,
E as fronte rosciava em frio orvalho
Dessas duas mulheres lá scsinhas —.



CANTO II

FEBRE

You are merry, my lord.
Who ; I ?
Ay, my lord,
Oh your only gig-maker. What
should a man do, but be merry ? ...

SHAKESPEARE,





CANTO II

Hark! the lute
The lyre, the timbrel, the lascivious twinklings
of beeling instruments, the softening voices of women.

BYRON — *Sardanapalus*.

CORRE alta a noite. E no auge vai a orgia ;
Do mar na escuridão se abysma a lua
A pratear as aguas que allumia.
Perfumes, flores, a vertigem sua
Nos salões a espalhar — reina em folia
Lasciva a dança, voluptuosa e nua —
Nos floridos tapetes se agitando
— Servos na meza as taças corôando.

Leves roupas que o corpo transparece,
As rozeas fôrmas quasi a nú mostrando,
Humidos collos do suor que desce
Por alabastro que olhos vai matando —
Das rêdes d'oiro qual Ceréa messe
As soltas louras tranças transbordando,
Ou longos crespos negros no andar leve,
Ondulando nos hombros côr de neve.

Cantos doces de amor que affogam beijos
 D'ardentes labios — e nevados seios
 Rociados de suor tremendo ancejos,
 Languidos olhos transbordando enleios,
 Vestes soltas no ardor d'ébrios desejos,
 Abertos labios a matar receios —
 Mulheres e a embriaguez das taças bellas
 Que não ha a escolher a melhor dellas.

.
 E após ébrio de vinho e amor n'um leito
 Molle e juncado de macias flores
 Jazer com a mais querida — peito a peito
 No labio o labio della — as vivas côres
 Ver desmaiar-lhe n'um beijar desfeito,
 No seio della respirar amores...
 Vida, ó madido sonho, de teus gozos
 Quaes mais fortes, mais longos, mais formosos?!

II

«Eu amo em luzes sem fim
 O deslumbrante festim;
 Uma voz a descantar
 Por uns labios de grenalda;
 Nas frontes rozea grinalda —
 — Cheias taças d'esmeralda
 De Johannisberg a brilhar!

E entre requebros da dança
 Quando o peito offega e cansa
 Da walsa ao longe soar,

E o chão lastra-se de flôres
Dos beijos entre os ardores
Sorver do vinho os fervores
Do crystal a transbordar!

« E eu amo ter nos meus braços
Em voluptuosos abraços
Uma languida mulher!
Beber-lhe os trémulos beijos,
Vel-a morbida em ancejos,
Quasi morta de desejos,
O collo arfar-lhe e tremer.

Amo em vertigens da mente
Sentir a mágoa dormente
No imo d'alma arrefecer...
Eu amo a louca alegria
Danças, cantos e folia,
E n'um beijo que inebria
Vinho e amor — de amor morrer! »

III

Com a taça na mão e a fronte alçada
D'entusiasmo febril, co'as faces vivas
De bacchico rubor cantou um jovem
Essa canção de orgia. — Era formoso
C'os olhos negros scintillando ardentes
D'entre as pallidas palpebras; nos labios,

Que o fogo dos licores lhe crestára
 Nadava-lhe um sorrir — a fronte pallida
 Descoberta, alvejava-lhe sem rugas,
 Como o seio de um lago — era formoso
 Com o negro bigode a sombrear-lhe
 Dos labios o vermelho !

Attentos, fixos

Pousava os olhos negros no mancebo
 Candida fórma de mulher — sorria,
 E o descerrado purpurear dos labios
 Mostrava lindas feiticeiras perolas
 De humido reluzir ; — as ondas negras
 Dos cabellos prendião-lhe luzentes
 Limpidos fios de diamantes trémulos,
 Brilhando multi-côres, como estrellas
 Em noite de verão — co'as mãos unidas
 Olhava p'ra o mancebo e n'uns olhares
 Mui languidos, a vida parecia
 Em gozo, inteira lhe expirar no peito —
 Bem como a sol dourado o seio aberto
 Arfar-lhe patentêa em seus languores
 Perfumosa e suave a flôr sedenta.

.

IV

Adormeceu-lhe, n'um cansado beijo
 Inda abertos os labios, no seu peito
 Ao mancebo cantor a moça bella. —

E ella era triste; e a lividez firmava
Pesada e quente sobre a mão — voltara-lhe
A mente e infindo lembrar de aggravos

« O corpo de suicida desalmado!
Quanta alma a transbordar de unção poetica
Anciosa e cheia de um amor, na terra
Não estallou-se com o ar do mundo
Como o ferreo vibrar de uma harpa as cordas!

Amizade! onde a viste? foi acaso
No escuro cemiterio de joelhos
Sobre o torrão que abriu a pá de fresco,
A regal-o de lagrimas?

Mentira!

Do campo frio a relva se humedece
Do orvalho e chuva e do urinar do negro
Tarpi-alo morcego e dos immundos
Frios reptis que passam lá — e apenas!

Não peças-me esses cantos — que é loucura!
Pede antes ao ciumento um riso terno,
Ao desprezado um descantar alegre,
Aos tigres um trinar, ao rouco abutre
Cevado em corrupção os ais da rôla. »

Calou-se — em torno emmudeceram todos.

.

V

Olhou-os e sorriu — todo o desprezo
 Que um olhar conter pôde elle lançou-o
 A esses dormidos ébrios parasitas. —

Mais feliz que Timon — não fôra nenia
 P'ra crêr-lhes no dizer — rira-se delles
 Ao ouvil-os jurar — sentir infindo
 Fundissima affeição de eterna dura...

.

VI

Fôra-se ha muito a lua — mas a noite
 O scintillar do céo tornara clara
 De limpido fulgor — cahido o manto
 — Com as dobras na mão sahira-se elle,
 O Conde Lopo a passear ao fresco
 Do ar livre dos campos.

O silencio
 Si em derredor quebrava o som da aragem
 Ou o accordado passaro fugindo
 Nos ramos sussurrantes — ou ao longe
 A's vezes o estridor rouco dos gallos
 A perturbar o somno ao fiel guarda
 Do quedado cazal — o cão domestico.

« No estremecer da orgia fui sentar-me
 Vivendo enlevos nos olhares húmidos
 E nos tremidos seios de mulheres
 Anhellantes de gozo — a ouvir os beijos,
 Sorvendo os lábios que o Xerez molhava
 • Com orvalho rubineo — os ares cheios
 De luz, cantos e odôr — o soalho roseo
 Das corôas de flôres por mãos tremulas
 • Soltas das frentes no ferver do enlace! —
 E nada me escaldou por muito a fronte
 Rápida — a embriaguez, a idéa funda
 Do meu fundo pensar de si varria!

.

« Não mais! não mais! prostitui meus lábios
 Em fríos beijos de mulher sem alma.
 Cortei eu mesmo o fio da ventura
 Que derradeiro ao céo prendia-me inda,
 Em lascivias de olhar exhalei toda
 Uma ardente poesia d'alma virgem!
 Ardor e vida — e sonhos que eu criava
 Nos refolhos do peito e uma e uma
 Da crença e do amor mirrâra as flôres!

« Não mais! as luzes tremulas da festa
 Quando envoltas no chão cansadas jazem
 Moças e flôres — e repletos dormem
 De amor e vinho — como cães — os ebrios,
 Descorados convivas, negros somnos —

Quando a mesa é deserta e humida tinge-se
 A toalha do festim de nodos rubras
 Dos copos derramados — quando os lustres
 Á luz da madrugada oscillam pallidos ;
 Então cançado adormecer se póde,
 Meu doente coração. — Quedou-se um pouco
 Aqui no fundo d'alma a dôr infinda
 E esse ardor, que em suspiros me queimava
 Os beiços meus, arrefeceu-me n'alma
 Que o vinho embrutecêra... E após gelou-se!
 Gelou-se! e hoje ao despertar do somno,
 Inanime e cançado — as faces pallidas —
 E sem um sonho já nas noites d'alma,
 Sem já uma esperança perfumada,
 Qual um morto me achei!

« Não mais minh'alma!

Discerremos á vida esse meu peito
 Qual flôr á viração — talvez que ainda
 Alguma briza fresca perpassando
 Co'as faces candidas me roce a fronte
 E alguma perla que o roscio nella
 Deixasse acaso — aqui me chova n'alma!

« Ainda uma vez! abre-te minh'alma,
 Como a silvestre flôr do escuro brejo.
 Quanta estrella no céu! á fresca noite
 Pratêa-se a corôa; o campo é verde;

Desmaiado sorri o azul do empyreo.
Eia! ainda uma vez! do monte as flôres
Pezadas pendem c'os serenos frios.
Ao ar da vida entreabre-te, meu peito!
Talvez á alguma sylphide passando,
• Vestindo nevoas, que banhou no lago
As neves do seu corpo donairoso —
Accorde compaixão a chaga tua!
Talvez que n'um roçar da mão finissima
A tu'alma se accorde inda á ventura
Teu duvidar se vá!

Abre teus seios
Minh'alma! A noite é pura, — amores falla,
A aragem fresca — tudo dorme em roda.
— Talvez possas chorar!... E é tão doce
Tepida lagrima verter agora!
Talvez desperte a lagrima no peito
Um sonho melancolico! Inda triste
É tão doce sonhar!

« Sonhar idéas
Deliradas além! além! meus prantos!
Porque mais chorarei? podera acaso
Um cadaver se erguer? morreu-me o peito
Não mais se accorderá — e pois que durma
O eterno resomnar ahi — e quando
Gelar-me de uma vez o ardor do peito
Que envolto no sudario do sepulcro
Sem sonhos, sem lembranças, nem saudades,
Repouse para sempre! »

Na relva se estendeu no manto envolto
Co'a cabeça a cobrir — talvez o corpo
Pezado lhe dormia...

O pobre moço
Fallou, mas desvairou. — Sabeis, que o vistes
Com a taça nos labios, ledos brindes
Lhe fizeram sorver em largos tragos
Muito vinho Madeira. — Mais preciso
Dir-vos-hei — elle estava um tanto alegre..
Não direi — que vertigens o levavam
Por idear sombrio ; — as beberagens .
Lhe geraram na mente muitas larvas...
Estava um tanto bebado — a palavra
Se é poetica não sei — é expressiva
— E tanto basta — sabeis pois — de tonto
(Mas pouco) — apenas lhe vagueava o sizo.



SEGUNDA PARTE



CANTOS III E IV

Our life is twofold.



SONHAR! em illuzões a mergulhar-se
Como no verde azul do mar o Eider
Do collo a candidez,
Como nas luzes do coral da tarde
O astro do anoitecer — um'alma inteira
Em doce embriaguez,
E apoz do aroma emballador dos lyrios
Das nevoas do luar, das sombras tremulas
Dos rizos de anjo bello —
O estrebuchar da convulsão e o peito
Arfando sob o enlace do demonio
Febril do pesadello!

INVOCACÃO



INVOCAÇÃO

VARIAÇÕES EM TODAS AS CORDAS

I

ALMA de fogo, coração de lavas,
Mysterioso Bretão de ardentes sonhos
Minha musa serás — poeta altivo
Das brumas de Albion, fronte acendida
Em turbido ferver! — a ti portanto,
Errante trovador d'alma sombria,
Do meu poema os delirantes versos!

II

Foste poeta, Byron! a onda uivando
Embalou-te o scismar — e ao som dos ventos
Das selvaticas fibras de tua harpa
Exhalou-se o rugir entre lamentos!

III

De infrene inspiração a voz ardente
Como o galope do corcel da Ukrania
Em corrente febril que alaga o peito
A quem não rrouba o coração — ao ler-te?
Foste Ariosto no correr dos versos,
Foste Dante no canto tenebroso,
Camões no amor e Tasso na doçura,
Foste poeta, Byron!
Foi-te a imaginação rápida nuvem
Que arrasta o vento no rugir medonho —
Foi-te a alma uma caudal a despenhar-se
Das rochas negras em mugido immenso.
Leste no seio, ao coração, o inferno,
Como teu Manfred desfraldando á noite
O escurecido véo. — E riste, Byron,
Que do mundo o fingir merece apenas
Negro sarcasmo em lábios de poeta.
Foste poeta, Byron!

IV

A ti meu canto pois — cantor das magoas
De profunda agonia! — a ti meus hymnos,
Poeta da tormenta — alma dormida
Ao som do uivar das feras do oceano,
Bardo sublimê das Britanias brumas!

1

Foi-te ferreo o viver — enigma a todos
Foi o teu coração!

Da fronte no pallor fervente em lavas
Um genio ardente e fundo:

• O mundo não te amou e riste delle
— Poeta — o que era-te o mundo?

Foste, Manfred, sonhar nas serras ermas
Entre os tufões da noite —

E em teu Jungfrau — a mão da realidade
As illusões quebrou-te!

Como um genio perdido — em rochas negras
Paraste á beira-mar

Do escuro céo fallando ás nuvens, — solto
O negro manto ao ar!

O mar bramio-te o hymno da borrasca

E em pé — no peito os braços —

O riso ironico — vinha o azul relampago
T'esclarecer a espaços.

A fronte núa o rorejar da noite

Frio — te humedecia

E ácima o céo — e além o mar te olhava

C'os olhos da ardentia!

2

As voluptias da noite descoraram-te

A fronte enfebrecida

Em vinho e beijos — affogaste em gozo

Os teus sonhos da vida.

E sempre sem amor, vagaste sempre
Pallido Don João!
Sem alma que entendesse a dôr que o peito
Te fizera em volcão!

3

Da absorta mente os sonhos te quebrava
Do mundo o sussurrar.
E foste livre refazer teu peito
Ao ar livre do mar.
E quando o barco d'alta noite aos ventos
Entre as vagas corria
E d'astro incerto o alvor te prateava
A pallidez sombria,
Era-te amor o pleitear das aguas
Nos rochedos cavados —
E amargo te franzia um rir de gozo
Os labios descorados!

E amaste o vendaval, que as folhas trémulas
Das florestas varria —
E o mar — alto a rugir — que a ouvil-o, a fronte
Altiva se te erguia!
E amaste negro o céo, — o mar — a noite
E entre a noite — o trovão
N'um craneo zombador brindaste aos mortos
Cantor da destruição!

4

E um dia as faces desbotou-te a morte
De alvor, frio e lethal —
Derão-te em preza aos vermes — Mas que importa
Se é teu nome immortal?

Se foste sobranceiro na peleja
Como o fôras nos cantos —
Se o grego littoral e o mar que o banha
Por ti beberão prantos? —
Se do levante as virações correndo
Nos mares orientaes
Derão-te nenias no sussurro tremulo,
Byron, se o nome teu lembra um espirito
Das glórias decahido,
E fez-te o coração os teus poemas
De coração perdido,
Se co'a dôr de teus hymnos sympathisão
D'uma alma os turvos imos
E o teu sarcasmo queimador consola
E contigo sorrimos?

5

Vem, pois, poeta amargo da descrença,
Meu Lara vagabundo —
E co'a taça na mão e o fel nos labios
Zombaremos do mundo!



CANTO III
FLORES DO LUAR

Branças no céu accendem-se as estrellas
Doce a aragem perde-se entre as flores
Sonha! canta! e suspira, ó meu poeta!

Aldo (DE G. SAND)



PRELUDIOS

Dreams! dreams! dreams
W. COWPER

Eu sonhei tanto amor e tanta gloria!
A minha fronte de laureis cingida
E uma aureola de luz, sublimes versos
Amores e ventura aqui na vida!

E ella, o anjo do céo que eu sonhei tanto,
Ella junto de mim sorrindo amores!
Aeria musica a sôar — balsamicos
Os ares de mil flôres!

E ella, o anjo do céo que sonhei tanto,
A contar-me seus sonhos de outra vida —
Nós dous sozinhos em viver deserto
Com alma a tudo mais ensurdecida!

E ella perto de mim, longe do mundo,
Em campinas de flôres junto a um lago;
E ella perto de mim, no céo, nos sonhos,
Na vida — em beijo mago!

Que bellos sonhos! que de amores santos
Que extases magicos em que eu vivi!
E esse amor de vizões, de reza e lagrimas
Minha vida de sonhos, — só por ti!

Quanto, quanto te amei! olha-me a face
Queimada pelos prantos que eu verti!
Vê o meu peito que matou-se em sonhos
Anjo ou mulher! — por ti.

Oh! desce lá do céo, anjo da vida
Só visto em sonhos, só amado em prantos!
E tu serás na terra — aqui — minh'alma,
Em meu penar meus ultimos encantos!

E em troca do teu céo dar-te-hei meu peito
Amor e sonhos de que só vivi!
Poeta — acordarei meus hymnos d'alma
Os mais ternos — por ti!

E eu sonhei tanto amor e tanta gloria!
Tantas vizões de pensativas bellas,
E tanto olhar de languidez divina,
E tanto amor de pallidas donzellas!

No azul dos olhos entrevi-te lagrimas,
 Da fronte na descôr sonhei-te dôres,
 E nos palpites de teu collo d'anjo
 Sentir — como das flôres...

Oh! descesses do céu que eu fôra vate
 Como nem Dante nem Camões sonháram!
 Soberba a fronte sobranceira erguida
 Glorias e nobres louros me ensombraram!

Dos seraphins nem os amores puros
 Esse igualão que n'alma eu accendi
 E amor — sonhos — a vida — a eternidade
 Tudo! tudo! por ti!

Oh! desce lá do céu e hei de amar-te,
 Ser teu como nem sonha-se na vida!
 Com alma e vida inteira e de joelhos
 Com a mente de amor endoudecida!

E se é mister que eu morra, diz-m'ó anjo!
 E quebro a vida que por ti vivi!
 Se é preciso penar venha a tortura
 O inferno — só por ti!

E eu sonhei tanto amor e tanta gloria!
 Beijos 'de puros talismans tão cheios,
 Tantos laureis de menestrel sublime
 E a vida exhausta n'um scismar enleios!

.

Erão sonhos... não mais! — Porém embora!
Sonho é sempre o prazer, sempre mentira!
E pois sonhemos té que estallem todas
Fibras do coração, cordas da lyra!





CANTO III

I

BALANÇA-SE NO céo como dormida,
Vertendo chuva de clarões fulgentes,
Pallida a lua no docel argenteo
Das limpidas estrellas — qual na fronte
De formosa rainha scintillante
Furta-côres diadema adamantino !
Véo de noiva, a prender, solto a cahir-lhe
Em flôres de lavor no mago collo.
Canta a briza no valle enflorescido
E estendida na vaga transparente
Do manso correjo de areias d'ouro
Parece suspirar. —
Ninguém nos campos — tão sómente um vulto
Do lago ás margens — n'um baixel immovel
Do felpudo gibão na lâ envolto
Bom somno a resomnar.

E em cada folha do arrelvado plaino
 Da noite na humidade mira a lua
 Um pallido fulgor ; em cada volta
 Do encrespado arroio, em cada ruga,
 Do seio manso que estremece a briza
 — Com seus beijos — do lago adormecido
 Uma fita de prata se desdobra...
 E a agua do lago que se move leve
 Ao quebrar-se no barco se branqueia
 De prateado ferver —

Que noite bella !

II

Eu amo a lua pallida passando
 Na fulgencia do céo por entre alvares
 Qual entre nevoas
 De assombrado jardim — deslisa, envolto,
 Em roupas niveas, um fantasma á noite !
 Alma de virgem, no dizer do povo,
 Voltando sempre ao descahir das sombras
 Candida e fria com os labios alvos
 Estremecidos n'um fallar mimoso,
 As sombras desflorando aérea e leve.

Eu amo a lua pallida, sozinha
 A s'escôar entre a mudez dos astros
 Aqui e alli occulta em véo de nevoas
 Que o halito das brizas adelgaçam,

Melancolica sempre — qual sentada
No solitario barbacan de pedra
Do gothico torreão, loura donzella
Saudades a scismar, ouvindo ao longe
De erradio cantor as tróvas soltas
Que a viração da noite, esvai, confunde,
Co'os suspiros do valle. —

Eu amo a lua pallida nascendo
Ou morrendo no mar, listando as vagas
D'auri-argenteo clarão — ou entre as folhas
Da floresta sombria s'escondendo
Partindo — sem adeus e sem saudade.

Eu amo a lua pallida, alta noite,
Quando tudo é silencio — e desgarrado
Vago dos campos na mudez, sozinho,
Ao languido pallor das luzes d'ella ;
Sentindo o peito se enlevar sorvendo
Os halitos da aragem que me envolve
Como braços de virgem : — Amo a lua...
Alviçsima passando entre o silencio
Na fulgencia do céu limpido e claro
Semeado d'estrellas !

III

Além, lá muito além, na cumiada
De um monte que o luar de luzes banha
Alveja um vulto — a face lhe esclarece
A estremecida luz da lua a pino.

No negro dos cabellos lhe reluzem
 Perolas de sereno — a face pallida
 Á lua pallida se volve absorto
 Em profundo scismar !

Que alma de trovador foi lá sentar-se
 Nas rochas da montanha erma e varrida
 Pelos caudaes do tormentoso inverno,
 Na pedra núa onde não brotão verdes?
 D'erguida, sobranceira fórma altiva
 Destacando-se á luz do céu — da lyra
 Pulsando a fibra mais sublime e agreste
 Que alma de trovador ?

IV

Passo a passo desceu — no céu os olhos
 Entre as cordas do asperrimo penhasco
 Do monte o sonhador — O Conde Lopo.

De cada flôr que ao pé se debruçava
 Cheirosa e pura a estremecer molhada
 Do trilho seu — cortava, e a reunia
 Ao ramalhete de selvagens flôres
 Que guardava no peito. —

 E além das sombras
 Do arvoredado sombrio branqueava
 Nebulosa visão de aerias fórmas
 Como visão de cerebro — poeta
 Em sonho incerto, imaginado apenas. —

Ella se adiantou — mostrou-a a lua
Candida apparição de niveos hombros
Que alagão, doirão, ondeadas tranças
Do aureo — solto cabello : tenue e leve
Co'os encruzados braços côr de jaspe
Postos sobre o anciar dos seios virgens
Que elevão-se, arfão, só o alvor das roupas
Das estrellas á luz, no céu da noite
Fitando a lua — junto a um lago argenteo
Immovel como estatua. —

Viu-a o Conde

E os esvaecidos sonhos lhe adejãrão
De romantico amor em torno á mente
Uns amores de sylphide mui ternos
Muito cheios do céu, sonhou gozal-os —
Sonhou a apparição um anjo niveo
Que baixára do Eden — n'um suspiro
Essas vozes soltou —

« Ah! no que scismas

Seraphim do luar? Teus labios puros
Como o rubor do anemone entreaberto
Em manhã de verão, porque discerra-os,
Tristissimo sorrir, que o alvor enfeita
De teus dentes de perola? em que scismas?

« Pensas acaso no morrer da lua

Que alem se esconde e argenta as folhas negras
Dos silvosos cabeços da montanha?
Bem como ella a morrer cahindo em leito

De nevoas suavíssimas, acaso
 Morreu-te n'alma uma illusão criada
 Com teu amor de virgem? algum sonho
 Mui querido e sonhado entre sorrizos
 E perfumes de flôres?

« Em que scismas

Candida apparição, pousando immovel
 Da humida relva na folhagem fria,
 Como um tapiz macio os pés mimosos;
 Como estatua de jaspe reflectida
 No azul das aguas, que o fulgor semeia
 Das estrellas do céo e dos extremos
 Raios de luz da morrediça lua
 Co'um tremido luzir de alvor de prata?

« E no que scismas, anjo meu?

A vida

Vês-la toda poesia, danças, flôres,
 A nuvem do arrebol leva-te em sonhos
 No cheiroso regaço adormecida.
 Sozinha á noite pelo céo vagueias
 Quando sem nuvens o luar desliza
 Com tua harpa na mão. —

Anjos sómente

E a estrella a scintillar ouvem-te os cantos
 Que os labios te evaporam. — Só as brizas
 E os sussurros da vaga te acompanhão
 E de tardio barco, o remo ás vezes,
 A deshoras quebrando as aguas lizas

Da noite na mudez. — Aos pés te dormem
As cidades que o som do oceano emballa.
Em mar de prata negro promontorio
Aqui e além, da lua embranquecido.
E tudo dorme — nas folhagens humidas
Que o orvalho de aljofares branqueára
As aves sonhão... E visão suave
Com tua harpa na mão vós cantando.

« E no que pensas, anjo meu? Se a vida
Póde ser mel aos labios cá na terra,
A quem mais do — que a ti? Aerias vozes
Fallão-te as flôres — a linguagem terna
Das aves da soidão é-te uma lingua
Que tu entendes só — e cada estrella
Que te fita do céo falla-te, e n'alma
Decifras-lhe o fallar — e os raios humidos
Do seu virgem luzir cr'oam-te a fronte.

« E no que scismas? viste ahi na terra
Alguma face pallida embebida
Em amargo pensar que te acordasse
Do amor no seio teu alguma fibra?
Amaste? amas acaso? Oh! então chora!
Oh! muitas, muitas lagrimas te corram
Nas faces descoradas pela mágoa!
No aberto labio teu, quebrem-se e morram
Tristissimos suspiros! — Chora! chora!

« Ah! não deixes que amor de impura chamma
Com seu febril queimar te mate as rozas
Que luzem-te nas faces! Nunca uns labios
N'um beijo a delirar murchem-te as flôres
Alvissimas da c'rôá de candura
Que a mão de Deus te perfumou na fronte!

« Não te deixes amar de amor infame —
Não te deixes amar! Sê anjo sempre!
Virgem e casta em teu sonhar sem mancha!
Guarda-te como a flôr aberta n'agua
De regato mimoso d'orlas verdes —
Como estrella no esmalte a luzir tremula
Do céo d'estio —

Nos teus sonhos, dorme!

Em rôxas nuvens d'illuzão sorrindo
Olhe-te sempre o teu porvir! Não queiras,
Não te deixes amar, que amor na terra
É sonho falso e vão — que amor é como
Aureo sol de verão que estala os vinculos
Da virgindade á flôr — abre-a, perfuma-a,
Beija-lhe o seio roseo — e a flôr coitada
Adormece em volupias embebida
Desses beijos de amor... e treme, e toda
Abalam-se-lhe n'alma as tenues fibras!

E demora-se apoz e pende a fronte
Voltada para o chão, murcha-se e morre...
E uma e uma empallescidas petalas
Do regaço lhe cahem, como espr'anças
Fugindo ao infeliz — e ao sol que importa
Que inteira a flôr se desfolhasse pallida
Dos seus beijos no ardor?...

« E no que scismas
Meu anjo d'oiro? porque assim immovel
Do teu olhar o azul nos céos parado
Com as estrellas conversar parece?
Sonhar, enlevos, na mudez do campo
Da noite no regaço, porque vieste?
Porque esse meigo, languido suspiro
Dos seios de crystal fugiu-te aos labios
Perfumoso morrer?
Da noite ás nevoas á solidão calada
Cantando arcanos de escondidas mágoas? »

V

A visão não fallou — Levou os passos
Para o moço poeta, a mão divina
Na mão d'elle depôz — disse baixinho
Aos seus ouvidos murmuradas vozes.
O que foi eu não sei — E foram-se ambos
Do lago á borda do baixel escuro
Ao dormido patrão — elle acordou-se...

LOPO

Solta a barca, patrão! A noite é bella
 Quero me ir deslizar por esse vidro
 Do lago adormecido. — Quanto á paga,
 Não trago bolsa — Esse collar comtudo
 Vale dinheiro qual jámais contaste —
 Toma-o.

BARQUEIRO

Mas se o collar é tão precioso
 — Rica é a pedraria reluzente
 Como a Venus da noite — recebello
 Hei eu medo, Senhor, porque d'inveja
 Não digam que o roubei.

LOPO

O Conde Lopo

Dize — foi quem t'o deu. —

BARQUEIRO

O Conde Lopo!

Esse mancebo pallido que a vida
 Leva alegre em festins, ardendo em noites
 O herdado cabedal?

LOPO

Cala-te! É elle.

E o barco escorregou por sobre as aguas
 Como a gaivota branca no mar alto.

VI

Oh! quem dissera o exprimir immenso
Do fixo e mudo olhar, que a elles ambos
Em um enleio só — arrebatava?
Quem na aridez das linguas traduzisse
O quanto devaneio lhes corria
Então na idéa d'ouro da ventura?
Quem definisse o estremecer mimoso
Das mãos da virgem alva nas mãos d'elle,
E o condão do sorrir nos lizos labios
Da nivea creatura pensativa?

Fundira-se-lhe o gelo da descrença
No peito ao Conde Lopo ao sol dos olhos
Do anjo enternecido — a febre intensa
Que lhe roía o desvairado cerebro
Placida lhe calinou — no peito exausto
Os pulmões livremente lhe arquejaram!...

Fundira-se-lhe o gelo da descrença!
Amava — e amar é crer — já não pensava
Nessas fugidas illuzões mentidas
Que em chumbo ardente lhe tornaram a alma.
E cria pois e ancioso respirava
Pelos soffregos labios o ar da vida —
Pareceu-lhe que a noite era mais bella

Mais scintillante o céo — mais doce o bafo
Das aragens do ar girando em volta. —
De novo parecia-lhe que a vida
Começava a viver — tudo era gozo,
Tudo amor junto della — o ar do lago,
O véo da nevoa a repousar nas aguas,
O azulejar do empyreo dentre os ramos
Do arvoredó ciciador da margem,
E esse silencio que de noite estende-se
Pelas varzeas dormentes, só quebrado
Pelo escoar da briza — em cada folha
A murmurar um som de canto aereo...
Oh! tudo era tão bello! a alma — poeta
N'um canto lhe acordou também n'ess'hora
E as campinas attentas o escutaram.

Qual elle foi não o direi — não podem
Pallidas rimas traduzir enlevos
D'alma divinizada. — Só os anjos
Co'a voz suave no frescor do empyreo
Sabem hymnos assim soar nos labios!

Era um cantar como esse que nos sonhos
Resôa ás vezes no arroubado ouvido,
Poetisado em não sabidos metros
Dos homens cá na terra... só os echos

Do verde Paraiso onde a ventura
Assim lhe deslizou dizer poderam
Quanto era o enfeitiçar cheio d'encantos
D'enlevada magia!

Em que mar d'illuzões não divagou-lhe
Em ébrios cantos que exhalou sentida
A sua transbordada phantasia!
Que sonhos de poeta d'alta frente,
Envolta em louros — em vizão querida
De ardente poesia

Como as nuvens do céu regadas d'ouro
Lhe não devanearam no delirio?
Em gozo — aberta a tremular-lhe vida,
N'um quebranto a sorrir nos labios soffregos
Era alma em flôres divagar perdida
Tendo no seio o empyreo!

Oh! que sonhos! que sonhos! que delicias!
Tremulo o coração a derreter-se
Em quebrantos do céu! tepido o peito
Com a aragem dos sonhos! que harmonias
Que delicia, meu Deus! d'embevecer-se
A scismal-a, desfeito
Em amor, em desejo, em mil ternuras
O cerebro emballado e delirante!

Que cantico de amor! (anjos que o ouviram
 Foram contal-o ao chrysocal da tarde
 De nuvens côr de rosa — e ellas sorriram!...)
 — Que vida n'um instante!

Oh! que anjo de azas brancas nessa hora
 Que lhe pouzasse em frente e não sentisse
 Humedecer-lhe o azul dos olhos limpidos
 Uma suave lagrima
 A ouvir-lhe a melodia — e n'alva fronte
 Sob véo de pallidez lhe não sonhasse
 Uma alma arder-lhe em borbotões de genio,
 Anciando apenas perfumar um seio
 De sylphide do céu co'essa fragancia
 Que sentia de mais dentro do peito;
 Ver um languido olhar de fixos olhos
 Sob o véo leve dos dourados cilios
 Parado sobre o seu, e co'as mão postas
 Co'os joelhos no chão amal-a e a ver-lhe
 Mil e mil vezes o candor — á bella
 Imagem lá do céu — morrer de anhellos!?

.

VII

Á sylphide correu nos roseos labios
 Em magico adejar um rizo doce —
 E o trovador sentiu todo embeber-se
 O fundo peito nesse mel de um rizo.

Tomou-lhe a harpa das mãos, os dedos niveos
 Sobre ella deslizou nas cordas d'oiro
 E no melodico soar das fibras
 E das brizas do ar soltou dos labios
 Um canto como sóem alta noite
 Em ermo descampado aonde as arvores
 Em cada folha acendem um luzeiro
 De côr esmeraldina, as fadas louras
 Com transparentes roupas — balançando-se
 Co'as verdes azas do luar nos raios
 Entre o sorrir das feiticeiras danças
 Que não ha a homem vel-as, como sóem
 Então as fadas descantar alegres
 Os seus gorgeios magicos — durou-lhe
 Longo o soído nos floridos labios.

—
 A agua do lago azul calou-se a ouvil-a,
 As ramagens das ribas se estenderam,
 As alvas nuvens se baixaram leves
 E a briza emudeceu para escutal-a.

.
 E n'um raptó de gozo céga a vista
 Que lagrimas turvavam — o mancebo

De joelhos a ouvia —

Nem um palpíte no elevar do peito,
 Nem um arfar ao soluçar dos labios

Abafado fugia !

.

VIII

Foi um sonho — não mais — e como um sonho
Subito esvaeceu-se a fôrma aëria
Da branca apparição — rizos e cantos,
Tudo isso se findou bem como a nevoa
Aos clarões da manhã... a bella imagem
A estatua bella do seu lago d'alma
Fugiu-lhe... Foi um sonho, mas qu'importa?
Embora fosse n'um mentido gozo
Se o peito lhe gozou, se inda por pouco
O pulmão respirou-lhe um ar mais puro
Que o da peste da terra — um ar d'influxos
Doce como o do céu?



CANTO IV

FANTASMAGORIAS

Perhaps that skull so horrid to view
Was some fair maid's...
These hollow sockets two bright orbs contained
Where the loves sported and in triumph reigned
Here glow'd the lips; there white as Turian stone
The teeth disposed in beauteous order shone...

MOORE (*of Cornwall*)

How now, Horatio? you tremble and look pale :
Is not this something more than phantasy?
What think you of it?

Hamlet — Act. I



CANTO IV

I

A change came on the spirit of my dream
BYRON.

Away ! Away !
B. MAZZEPA.

Eo sonho transformou-se-lhe —
Corria

N'um rapido corsel cuja brancura
Reluzia nas trévas, entre a densa
Escuridão da noite, como phosphoro,
Com um fulgir de seda tremulante.

Dos olhos do corsel partiam lumes
De vermelho fulgor ; as largas ventas
Fumavão resoando — As longas crinas
Soltas ao vento, floreadas, tremulas
Refulgiam nas tenebras, mas pallidas
Como um perfil de morto. — E elle corria

A largo galopar faiscando as pedras
Com scintellas de fogo — e o pó em torno
Como uma nuvem lhe seguia o rasto,
Trazendo ao phantaziar idéas torvas
De espiritos dormidos no caminho,
Que o pizo ferreo do cavallo fôra
Do somno despertar, e como lobos
Nos gelos da Sarmacia — enfurecidos
Seguem-lhe os passos rapidos — uivando!

II

E o ginete corria sem cansaço
Sem que morno suor do branco pello
Gottejasse sequer — mas frio sempre!
Tão frio que o mancebo quando ás vezes
No insano galopar chegava ás curvas
P'ra segurar-se nelle — pelos ossos
Sentia gelo lhe escorrer...

E sempre

O livido corsel por entre as sombras
Saltando os precipicios — como um gamo
A escalar rochedos — como uma ave
Na infinda rapidez cortando os ares
— E como o vento a ultrapassar ligeiro
Montes e valles — como um pétrel n'agua
Do Oceano frio a galopar tão rapido
Como no praino dos compridos valles.

III

E a cada volta vinha um companheiro
Com elle emparelhar — d'alvor luzente
E juntos caminhavam em fileira
Em louco disparar saltando os rios,
E fuzilando no passar as rochas
Dos alvos dorsos dos escuros serros.

IV

Era n'um largo deshervado campo —
Perde-se a vista sem lhe achar limites —
Aqui e alli — nos montes — cada pincaro
Tinha um rubro volcão por c'rôa régia
A cingir-lhe o cabeçaço — clarão feio
De sanguineo fulgir treme nos ares
Offuscador; — e o céu além é negro
De turbido esfumar. —

Compridas horas

Çorreram pelo campo entre as fogueiras
Que a mão do inferno collocou no tampo
Dos negros serros nús — e a tropa cresce
Dos rapidos corceis varrendo o espaço
Em infinda fileira. — O olhar não póde
Quantos sejam dizer; que o termo perde-se
De cada lado no estridor dos passos
E na alvura das sombras que cavalgam
Os tetricos corceis. —

E sempre e sempre

Como se Deus ou se Satam dissesse-lhes :
 « Correi sem mais parar! » — os gigantescos
 Lividos animaes vôam ao longe
 O espaço a devorar co'os largos membros...

Parecia esse um cavalgar de mortos
 Tanto era o silencio — Os cavalleiros
 Dos pallidos cavallos envolviam
 Longos brancos vestidos, que a violencia
 Da corrida arrastava longe delles.
 Comprido denso véo lhes encobria
 (Bem como o lenço que se lança á face
 Daquelle que morreu e jaz na cova
 Antes da cal o vulto embranquecer-lhe)
 As fórmas do semblante, mas o vento
 Que as dobras lhe fixava sobre o rosto
 Só descarnados ossos desenhava,
 Como saliencias de caveira secca
 N'alvura desse véo. —

Os cavalleiros

Eram — certo — fantasmas — que um máo cheiro
 Como de sepulturas baforava
 As faces do mancebo. —

V

Era n'um campo

Cujo verdor luzia como as côres —
 Do sol transparecendo entre esmeraldas
 Sahia a luz das côres da campina ;

E nem se via o céu — docel immenso
De floreas trepadeiras enlaçadas
Inteiro o encobria, salvo — ás vezes
Em alguns intervallos dessa tenda
De floridos verdumes : — E dentr'essas
Abertas — se estendia o céu corado
Com reluzir de fogo em denso esmalte.
As estrellas pendiam, fracas, tremulas,
E mortas no rubor do céu — ou vivas
Semelhavam carbunculos vermelhos —
Olhos de serpe lá de cima olhando
O scintillar do valle ! —

Ao Conde Lopo

Pouco medroso embora e cavalleiro
A montaria desprazia um tanto —
Esse correr em animaes de gelo
Assombrava-o um pouco e mais ainda
A muda companhia que levava.

O vento frio em frente lhe soprando
Parecia arrancar-lhe á fronte os crespos.
Mal podia pensar, — o nunca findo
Disparar dos cavallos lhe tolhia
A voz nos labios — e demais quando elle
Quizesse conversar, ninguem lhe ouvira
E não lhe respondera — Que os phantasmas
Immoveis nos sellins bem semelhavam

A não serem de pedra, serem mudos —
Calou-se elle portanto. Nem por isso
Em socego maior julgou a mente.

Desabrido voava (que esse passo
Nada tinha de andar nem de corrida)
Sempre o frio corsel! Quiz atirar-se
Abaixo d'elle — e se estender na estrada
A descançar fadigas — mas a altura
Do monstruoso animal tornou-lhe ardua
A arriscada descida. E além disso
Voltando a face á pallida garupa
Do maldito demonio viu ao longe,
Á esmeraldina luz e ao fusco brilho
Do campo que tremia, inda outras filas
Das vistas no perder seguirem rapidas
A primeira em que ell'ia. — Era pois arduo
E arriscado descer — talvez pisassem-no
As rapidas parelhas que atraz vinham —
Ou lhe tostasse as fatigadas costas
A alta relva que em fogo parecia.

VI

Absorto no pensar — A féra infrene,
Que como o Ukranio potro de Mazzepa,
O arrebatava tanto pelos ares
Aos verdes o arrojou. —

Cahiu em terra
Atordado o moço mal-cahido

Co'a idéa turva a lhe voltear na mente
Em ebria contradança — qual de inglezes
No frenesi de um baile, o acanhamento
Pelo ponche á romana esvaecido,
Vão as ruivas Myladies requebradas
Desfeitas em momices. — Tudo em torno
Parecia mover-se em roda viva
Como a volta afinal de longa dança
Dos gnomos careteiros nas liseiras
De assombrada floresta...

E sobre o peito

Sentia elle pezarem — como pedras
Roladas por demonios — os cavallos
Correndo a galopar — e lhe esturgiam
As estalladas frias gargalhadas
Dos cobertos fantasmas cavalleiros
No ouvido atordoado. —

Longas horas

Gastou para passar a turba-multa
Dos cavallos gigantes — Mal volvia-se
Para um lado o mancebo e vinha um solto
Desenfreado bruto desvairado
A passar-lhe por cima — Nas vertigens
Da idéa a intensidade desmaiou-lhe.
E elle jazeu no chão sem movimento,
Como um cadaver não, pois lhe era quente
Ainda o coração, mas como um bebado
Estendido na quina enlameada
De tortuoso becco — bem dormido.

VII

Sentiu elle que as pernas lhe puxavam
 Com um sacco p'la bocca — o corpo todo
 Parecia-lhe cobrirem — grãos de chumbo
 Que andassem sobre pés como besouros.
 Abriu os olhos turvos — viu entorno
 Um batalhão de folgões espiritos
 Diabinhos pygmens d'olhos brilhantes
 Como faiscas de fogueira accesa
 Por noite de S. João — ou qualquer outra.

Ergueu-se maldizendo a noite aziaga
 O atropelado moço e com a capa
 O encarniçado *batalhão-duende*
 Pretendeu afastar, mas vinham sempre
 Trepando-lhe no manto os taes gaiatos.
 Azoado p'los brincões dos galhofeiros
 Atirou-lhes a capa — Uma rizada
 Aguda restrugiu de mil formada.

.

VIII

Era longe — N'um campo branqueado
 Da geada da noite era sentado
 Junto a um aberto fosso, tiritando
 A bater as queixadas pelo frio,
 Que mal resguarda-lhe o lençól roido
 Do manchado sudario — alvo fantasma.

Era bem limpa a noite — o céu enchiam
Desmaiadas estrellas de luz baça
Alvejando por entre a baixa nevoa
Estendida no campo —
E como solto no ar desabrigado
Frio vento hibernal com labios gelidos
Que dão beijos de marmore!

Ao mancebo

Co'os membros pelo frio interçados
Estremeciam na medula os ossos,
Sentia as carnes lhe arrepiar o frio
E um secreto temor. —

A voz do vulto

Sentado no seu fosso veiu dar-lhe
Razão a seu terror. —

O FANTASMA

Olá, amigo,
Sentes frio tambem? Certo é que o vento
Corre bem rijo ahi por esse campo —
E geada vai na terra como orvalho!
Egoismo foi de certo aqui marcarem
Logar p'ra cemiterio. Melhor fôra
— Não o pensas assim? — darem-nos leitos
Nos muros das Igrejas. — Lá ao menos
Se a cal tem humidez, não sópra o vento
E não roçam na ossada assim gelada
Entumescidos vermes que a fr.eza

Da noite regelou. Não pensas, dize
Meu forasteiro, assim?

E porque vagas
Por alta noite ahí correndo os montes?
Tomas acaso o ar da noite fria
Como receita medica?

Na vida —
Na outra que eu vivi — tinha eu riqueza
Bastante p'ra comprar colchões de pennas
E felpudas cobertas pelo inverno,
Quando eu vivia no paiz da patria.
Mas causava-me tédio o frio e a bruma
E fui terras correr. — Amei, nos mares
Nas noites mornas de verão, na prôa
Solitaria do barco adormecer-me —
— Aquellas brizas tépidas correndo
No ar se espreguiçando me agradavam.

Vivi na Italia em doce *far niente*
Sempre em braços de amor — logar que sabes
É de grato calor. — Como t'o digo
Amei sempre o calor. — Quer do Oriente
Sentindo a languidez amollecere-me
Os frouxos membros no divan macio
Com a face n'um collo voluptuoso
De Georgiana de ademans ardentes.
Era n'um seio ao pezo resistente
Da cabeça pezada — adormecer-me.

Amei sempre o calor! — No céo da Grecia
O que mais me agradava era essa ardencia
Do sol oriental. —

E se não fosse
Umás velhas que em negras bruxarias
Vem ás vezes vagar por esses ermos,
De craneos infantis roendo os ossos
De fresco sepultados, — eu de certo
Gelaria de frio entorpecido
Como a agua empedernida da montanha.

Hoje vieram ellas — mas tão feias
No hediondo sorrir que lhes abria
Os labios negros amostrando as covas
Das gengivas desertas — eu achei-as...
E demais eram tantos os defuntos
Alguns ainda com os restos fétidos
Das carnes sobre os ossos — apinhados
Junto do fogo das medonhas bruxas —
Que preferi gelar — á noite ao frio
E ás rajadas do Norte inteiriçado
Do que lá me sentar. —

Olá, mancebo!

Já não me escutas mais? Quando era eu rico
Podéra dar-te hospitalidade quente
Em quarto agasalhado — aqui apenas
Tenho um grabato de tijolos frios
Com cortinas de pedra — se quizeres
Dormir hoje commigo, acceita a offerta ».

IX

Era essa a alma de um valente nauta
Que as nevoas da Inglaterra logo ao berço
Saudára como patria. — Quanto ao nome
Fôra-lhe : Trelawney. — Longas viagens
O levaram com Byron. — E o conviva
Das orgias febris do Lord sombrio
Lá jazia a gelar no cemiterio. —

X

O Conde Lopo abotoara ao peito
As roupas que vestia. — O humor sombrio
Que a vida lhe esfriava — o spleen que sempre
Que o tédio o entristecia lhe fizera
Luto sempre trajar. — Vestia negro
Pois o Conde tristonho — Abotôara
— Como eu dizia — o nosso heróe ao peito
As roupagens escuras. — Caminhava
E nessa distracção que a idéa sempre
Lhe fazia vaguear sem rumo fixo,
Como barco sem leme entregue aos ventos
Com as velas abertas — como a grimpã
Que a inconstante briza agita, varre
No caprichoso sôpro — já nem pensa —
No fantasma de ha pouco e nem no frio
Que lhe estremece os membros. —

XI

Caminhava

O Conde distrahido — e em sua marcha
Topou uma parede. — Despertado
Do negro meditar olhou em torno,
Viu tudo escuridão. — Co'a mão gelada
Os muros apalpou: sentiu-os asperos
De salientes relevos enredados —
Desviou-se e bateu n'uma columna.
Recolhendo-se na mente imaginava
Que entrára sem saber n'algum palacio
— Se era de reis ou templo — não podia
Explicar-o elle então. —

Sôou nas trévas
Nos gemedores sinos meia noite!
Era pois uma Igreja. — Orientando-se
Pelo correr do muro acompanhou-se.

XII

Pouco e pouco elle via esclarear-se
Ao longe o fim de um corredor. — Seguindo
A luz que pelas frestas da cerrada
Porta, brilhava pallida — no termo
Do longo corredor fôra elle sempre.

—
Chegou á porta — repelliu-a. Entrando
Os olhos estendeu em torno. — Lividos
Sentados n'um festim viu alvas sombras

De esqueletos co'os craneos embuçados
 Na alvura das mortalhas. — A uma fronte
 Cingia o ouro de real corôa
 A outros um diadema a entrelaçar-se
 Nos cabellos roidos, reseccados
 A correrem-lhe o thorax demudado
 Pelo dente dos vermes. —

D'entre todos

Com mofador sorriso na caveira
 Mirrada c'rôa de seccados louros
 Na larga fronte a circumdar-lhe o craneo,
 Nos finos ossos dos escuros braços
 O queixo a repouzar, sobresahia
 Um fantasma de pé — na mão direita
 Não tinha a taça — não — tinha-a vazia;
 E olhava-os com dó esses convivas
 Reis per nascença ou pelo gume d'hacha
 Em combate feroz — que ahi sentavam-se
 Com o poeta á meza. —

O Conde Lopo

Olhou-os todos e sorriu. — Estranha
 Era de certo a scena, mas á mente
 Gasta a volver monotona existencia
 Agradou-lhe o fantastico banquete.

—

Tomou na meza corôada taça
 De vermelho licôr lauri — ornado
 Pensativo fantasma — o Conde Lopo

Nos labios a sentiu. — Mas era fria
Como os beijos de um morto — e o denso vinho
Deu-lhe no paladar sabôr de sangue !

- Repelliu. — Cahiu no chão de pedra
A taça derramada — um longo grito
No lagedo sôou como um soluço
D'agonia final, quando nos labios
N'um ultimo tremôr gela-se a vida. —

Um fantasma de cão que adormecera
Da meza do festim roendo os ossos
Que os convivas lhe davam despertou-se,
E òs descarnados ossos das queixadas
No liquido molhou, bebendo soffrego
O vinho dos finados.

O mancebo

Cada vez mais attonito jazia —
Era em verdade pavorosa a scena!
Tão gelidas risadas nunca ouviram
Ouidos de mortaes, nem mesmo quando
Co'um duro rir se deita o pezadello
No peito do que dorme. —

E esses olhares

Fuzilando do fundo pardo-escuro
Dessas caveiras núas, essas vozes
Agudas como o retinir do aço

A zunirem fataes — essa bebida
 De sangue rubro em nodoadas páteras —
 Tudo isso um calafrio lhe accordava
 Pelo gelido suar das carnes humidas!

XIII

Continuava a conversa dos convivas
 E os brindes loucos das geladas vozes.

UM FANTASMA

— Eia! meu poeta! nos teus braços hoje
 Hei-de ébria adormecer! Cavado fundo
 Foi-me em jáspe o sepulcro — e lá tiritó.
 Vem pois commigo, n'um abraço unidos,
 Menos gelada a solitaria pedra
 Por ventura será — bem ébria e louca
 Dos ossos no tremôr irá-te a noite.
 Lembra-me ainda, muita voz mentida,
 Muito suspiro falso, muito beijo
 Que hei-de te dar co'os descarnados labios.

Vem, pois, durmamos n'um amplexo juntos
 Formando um corpo só — toda a lascivia
 Que dous cadaveres gozar poderem
 No limbo da mortalha, hemos gastal-a
 Té esgotar-se a força em nossos peitos.
 Que pensas, meu poeta, que sombrio
 Nem respondes sequer? — »

.

Era um fantasma

De macilento craneo ennegrecido
Aqui e alli por fios de cabellos
Tinha na fronte a reluzir — embora
O empanasse a podridão na tumba —
Um diadema d'oiro. — O tenebroso
Fantasma pensador que déra ao Conde
A taça rozea de licôr sanguineo
Na caveira um sorrir, ergueu a fronte
Enramada de louros resequidos
E respondeu-lhe em zombeteiro escarneo :

« O que eu pensava? Na verdade a idéa
Que me levava a mente era bem digna
De tu m'a perguntares. — Eu dizia
Que tu — outr'ora barregã — rainha,
Caprichosa mulher de ardentes gozos,
Prostituta, sentáras-te n'um throno ;
E davas como leito aos favoritos
Teus thalamos doirados e macios.

« Hoje te apodreceu a rozea carne
Que os ossos te cobria, e eis-te ahi núa
Como nunca te viram teus amantes. —
Eis-te ahi núa prostituida ao verme
Que só te morde com seus agros beijos
O alvo logar onde em setim macio
Dos seios tanta fronte repousara
No ebrio tremor de enlouquecido gozo.

Eis ahí pois, rainha, o que eu pensava,
 Idéa singular, não o confessas?
 Prostituta real o amor lascivo
 De um voluptoso rei alçou-te ao leito
 E do thalamo ao throno — hoje, coitada!
 Só o verme te quer quando nas covas
 Não acha sanie onde perpasse os labios
 E p'ra fome illudir morde-te o femur!

Confusa resoou em torno em rizos
 Ruidosa vozeria dos fantasmas,
 Era tanto o estridor que reboava
 Nas concavas abobadas das salas
 Que Lopo nada ouvia...

Voz aguda

Como tigre a uivar cobriu as outras.

« Á dança! á dança! »
 « Á dança, á dança » — todos
 Em côro repetiram — longo circulo
 Dadas as frias mãos formaram todos
 Em torno ao Conde Lopo — com tal força
 Ante elle a voltear — que só lhe ouvia
 O confuso tropear rangendo a pedra,
 E o frio rir e o retinir dos ossos!

O circulo infernal com força infinda
 Corria como em vortices a tromba
 Sobre as aguas do mar sorvendo vagas
 — Bebedouro de nuvens. —

A vertigem

• Do Conde se apossou — Tambem volvia
 No geral turbilhão

 As coloridas
 Vidraças multicôres reluziam
 Com luz escassa, como sóe em horas
 Em que a aurora vai sahir nos montes.

—
 E como trévas que dissipa o brilho
 Do avermelhado facho — ou como um bando
 De negros corvos que o ruido accorda
 Na escuridão do campo e as longas azas
 Abrindo com estridôr em tôrva nuvem
 Vai desfazer-se no azul celeste —
 A esse raio primeiro os esqueletos
 Sem um leve fallar se dissiparam. —

—
 E ouviu-se em torno o estrondar das lages
 Cahindo sobre as entreabertas boccas
 Dos fetidos sepulcros. —

Era um sonho
Como o outro já fôra — Sobre as relvas
Da humida campina onde dormia
O poeta a sonhar — elleolveu-se
Inda anciado do passado pezo.

Com o abalo de mão mimosa e nivea
Que como a luz que as tenebras espanca —
Como anjo de fulgor clareando sombras,
Lhe vinha dissipar o anciado somno
E o abafado respirar pezado
Do toldado vapor do pesadello...

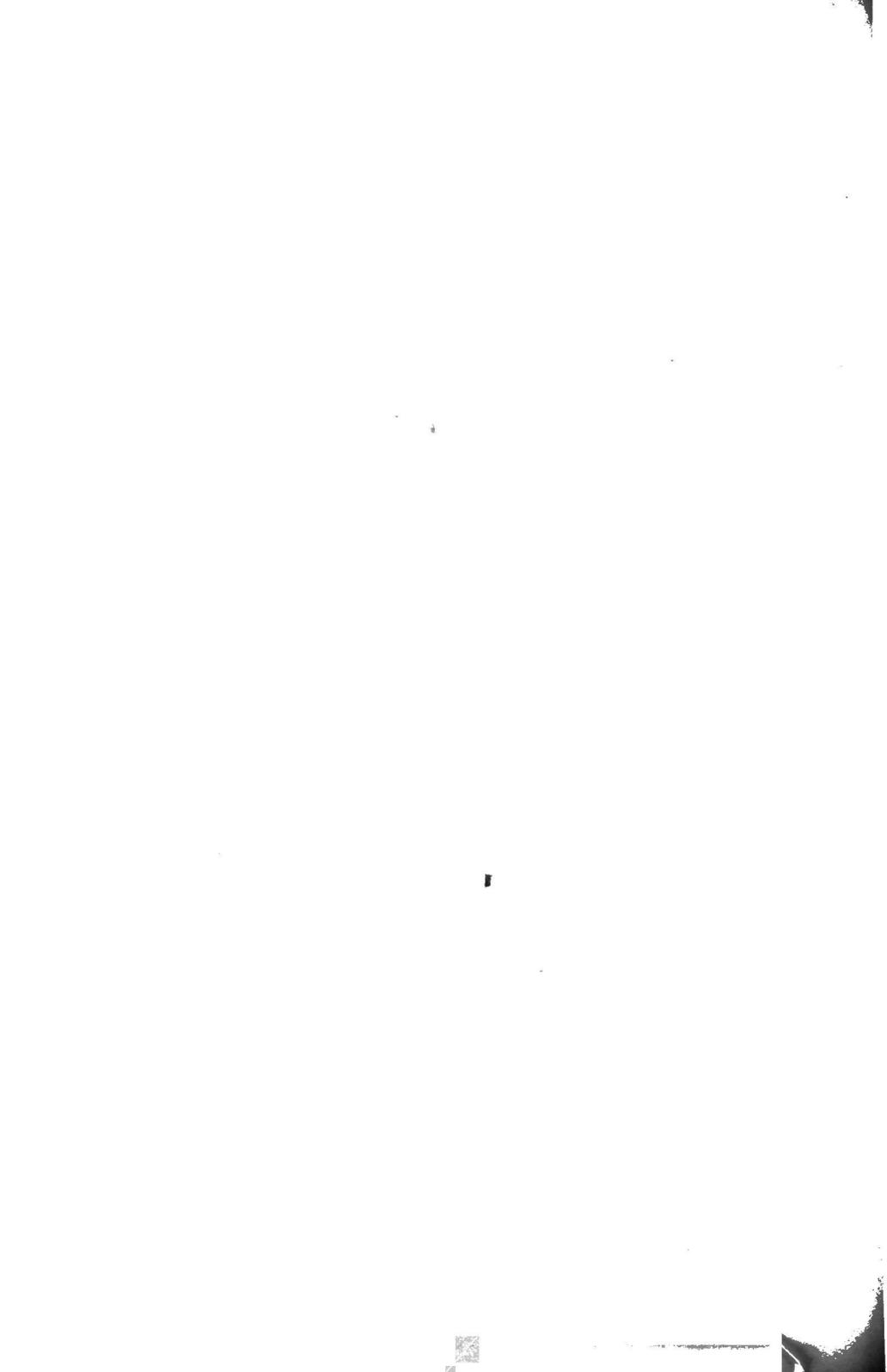


TERCEIRA PARTE

CANTOS V, VI e VII

And thou fresh breaking day, and you ye mountains
Why are ye beautiful? I cannot love ye

BYRON — *Manfred*.



CANTO V

NO MAR

And now Childe Harold was sick sore at heart
And from his fellow would flee

.
.
.

And from his native land resolved to go
And visit searching climes beyond the sea
Whit pleasure drugg'd he almost long'd for woe
And even for change of scenes seek the shades below.

Childe Harold, I — VI.



CANTO V

But I who am of lighter mood
Will laugh to flee away:
(*Childe Harold*).

I

ALÉM se azulam no matiz fundidas
Da luz crepuscular as serras ultimas
Da terra que se perde no Oceano. —

Co'as velas brancas pelo vento cheias
Das aguas no embater garrido joga
Um leve brigue a esvoaçar ligeiro
Como uma ave do mar. —

Entre o sussurro
Do rapido batel, na vozeria
Dos marinheiros desfraldando as velas,
Na stirpe secca de enfezado arbusto
Brotado no alcantil ao ar das aguas
Repousando do vôo — ou como a nuvem
Que do alto mar se vê a deslizar-se
Branca de neve no horizonte immenso,

Entre o sussurro pois e a vozeria
Do rapido batel, co'a mão na face
Os viajantes, com molhados olhos
Cheios de prantos se alongavam inda
Nesse listão azul que o leme ás vezes
Do barco no jogar, galgando vagas
No céu fulgente do arrebol da tarde
Mal distincto se via. — Outros mais fracos
Entre as vertigens do pesado enjôo
Na amurada do brigue se arrimavam
Com os olhos no mar (longe comtudo
De poetico idear que lhe inspirasse
O verde mar dourado pela tarde
Entre vagas d'escuma enfurecido
Atirando-se ás costas, negras, longas,
Do brigue voador) — co'a face pallida
Em gelido suor banhada toda
Lançando *carga ao mar*, como zombando
Dizem homens de barco.

II

E lá na prôa,
Com um braço no peito e as duras cordas
A prender-se com o outro, um vulto immovel
Volta ás vezes para o lado aonde
Desparecera a terra — mas sem lagrimas,
Sem gemido sequer que lhe tremesse

Do labio a superficie. — O jogar louco
Do batel a bom vento descorrendo,
Cortando um sulco de fervente escuma
Com a pontuda prôa — o embalava.

E elle sorria quando ouvia em torno
Abalado do choque algum novato
Agarrandô-se a um cabo ir estender-se
Nas pranchas do convéz — Por entre o estrondo
De objectos que rolavam de mistura
Co'os mal cahidos de tonteados passos.

III

E cada vez que no jogar do brigue
A prôa se elevava — a fronte altiva
Alegre se lhe erguia purpurada
P'los adeuses do sol —

Immovel, mudo,
Movia os labios como se quizesse
Abril-os p'ra fallar. — A mente delle
Embebida no doce dessas horas
Em que a meio no mar esconde rubra
A ardente face o sol — lhe ia bem longe
Do navio e do mar — pensava e um canto
Gerado n'alma lhe tremia aos labios.

A ouvir-lhe o rebramir e os uivos soltos
 Como um tropel de monstruosas fêras
 A erguer-se espumando, bramidoras
 Do fuzilar com affogueadas côres —
 Os cabeços envoltos. —

Nos cantos de leão do mar bravo
 Sulcado pelo raio em listas rubras—
 Rasgando o seio ao tresloucar dos ventos ;
 — No abafador bafejo da tormenta
 Ao livor dos relampagos — sem junto
 Ter um peito de fraco a desfazer-se
 Em estupidas lagrimas — que doce
 Que me fôra morrer!

« Sem lettras — embora — que tumulo immenso
 O meu não seria no bojo do mar !
 Que funebres cantos nas vascas da morte
 Ouviria gigantes da vaga no uivar !

IV

Descera a noite tenebrosa e fria
 Sobre o navio a navegar entregue
 Ao halito dos ventos, emballado
 Nos embates do mar — atraz deixando
 De prateiada escuma lista branca
 De luzente ardentia.

E sobre cabos encostado ao mastro,
Nas dobras negras de amplo manto envolto,
Resonava o sombrio viajante
Que viramos scismando alli sozinho
Ao embuçar-se o sol em sombras negras
Na escuridão do mar.

Do leitor certo o atilado senso
Advinhou quem era o pensativo —
Sagaz embora não lhe póde a mente
Seguir a advinhação. — Direi portanto
Breve como até ahi — o que embarcára
Longe do lar o Conde. —

V

Vimos como no braço adormecera
Do Conde, no festim, a moça bella,
Com as cerradas crystallinas palpebras
Imagens leves a lembrar de archanjos
Dormidos sobre nuvens. — O mancebo
Ao livrar dos languidos abraços
Da fada adormecida, lhe pousára
A face sobre a mesa, sobre a seda
De uma almofada do divan da sala.
Deixára-a elle assim — A alma descrida
Pensou-lhe que o dormir á moça fôra
Tão macio — talvez mais inda — posta
Sobre um coxim que sobre o peito delle. —

Demais — vira-a libar por tantas vezes
 Em brinde a elle o calice purpureo
 De vividos licôres, cheio a ponto
 De derramar-se em corallinos fios,
 Que lhe suppunha bem profundo o somno.

VI

Nos candelabros, nos crystaes dos lustres,
 Esmoreciam pallidas as luzes
 E em torno jazem todos sepultados
 Em pezado lethargo. — Quem nas mezas,
 Quem nos molles tapetes do soalho,
 Quem do terraço nos marmoreos bancos,
 Dormiam todos pois. — E além os ares
 Co'o dia clareavam, ás montanhas
 Purpureiam-se os verdes, nas campinas
 Das urzes no hervaçal, nas verdes balsas
 Rosicler da manhã tinge de rozas.

E lá nas sombras que a alvorada açouta
 Inda uma estrella brilha, uma sómente
 Como na despedida o lindo bando
 De donzellas se aparta, e uma inda fica
 Com olhos humidos fitando o que ella
 Tão bem querera...

A estrella d'alva ainda

Por um pouco brilhou no descorado
 Azul do céo da noite, eil-a branqueia,

Perde os luzidos mil, e pouco e pouco
— Como donzella a que desmaiam côres
No rosto frio, e a vida se evapora
D'entre uns gelados desc'loridos labios —
Apaga-se no céu — e entre a alegria
Dos cantos da manhã, doída n'alma
Se esvae no azul celeste.

Clareia-se o salão — é dia — a briza
Frescumes cõa nas tremidas sedas
Do ondante reposteiro — E ainda em torno
Dormem turvo resomnar ruidoso.
Tudo — oh! não! lá despertou co'o brilho
Da matutina luz a nossa bella.
Accorda e seu primeiro olhar procura
O olhar do Conde. — Não o viu — Ergueu-se
Com a tristeza n'alma e o peito cheio
De atro temor — presentimento quasi.

Ergueu-se — um por um corre esses rostos
De ebrios — dormidos — pallidos convivas,
E todos perpassou co'a face pasma. —

E sahiu pelos campos — O costume
Sabia-o ella do sombrio moço,
D'ir-se ás noites pedir repouzo á febre
Sob orvalhos do céu. — E solitaria

Dissereis essa pallida donzella
 De romantica dôr que o vate lysio (*)
 Sonhou ensandecida pela mágoa.
 Nas negras tranças que soltára o vento
 E o roçar das ramagens — uma rosa
 De fria candidez inda a sorrir-lhe,
 Mas morta e fria como o rir que a ella
 Gelido sobre os labios se pousara.
 E o setim que guardava-lhe as mimosas
 Plantas — dos seixos da aspera vereda
 Rotos nos espinhaes se destingia
 Das alvuras de neve pelo sangue
 Dos mal — feridos pés em roseo orvalho
 Que regelava a humidez da hervagem.

Ia pallida e candida — e absorta
 N'um profundo idear — não lhe doiam
 As ramas que o alvo collo lhe batiam
 No rapido correr! — Pallida e candida
 Com os seios a arquejar e os olhos fitos
 De desmaiado cinto — azul envoltos
 Que mais tristonha e pallida a tornava,
 C'os cabellos soltos pelos hombros
 Candido seraphim assemelhava,
 Anjo innocente que o embaciar do sôpro
 Não pôde d'homens empanar ainda

(*) Mendes Leal.

No vitreo coração — e o peito cheio
De affogadoras mágoas vai correndo
Em afflicto tristor.

Depois de muito desvairar-se á tôa
Pelos molhados hervações viu ella
Um manto negro sobre o chão lançado.
Chegou-lhe ao perto — p'ra tomal-o e vêl-o
Se era acaso o do Conde. — Levantou-o
E viu anciado a revolver-se em sonhos
Qual sob um pezo abafador aquelle
Que tanto tempo embalde procurára...

VII

O dia se passou e o dia inteiro
Doiram-se as mesas no ancisar do jogo :
Sôa o tinir das moedas, pressurosos
Jogam mancebos com olhar ardente
E face avermelhada. — Só o Conde
Pallido e frio permanece á mesa
Ou ganhe ou perca — em turbilhão luzente
Os montes d'ouro chame a si do centro
Ou a bolsa esvazie sobre o verde
Da alcatifa da mesa, nem um rizo
D'ancioso prazer lhe accende os olhos,
Nem um ranger d'entre cerrados dentes
De invejoso soffrer a confranger-lhe
A fronte pallida com fundos sulcos ;
Ou propicia ou avessa lhe sorria
Amores ou escarneos a fortuna. —

Homem que já no amor jogou as ditas
 Móres do coração; que entre os rugidos
 Do mar nunca tremeu, e pouco á vida
 Dá de amor e esperança, que lhe importam
 Luzidos de metal, se falsos gozos
 Que elle lhe faz nascer nem lhe adormentam
 Cancros do coração?

E pois a perda
 Nem os lucros lhe davam mais abalo
 Que o embater das vagas ao penhasco
 Que o tempo ennegreceu...

Pallido e frio
 Seguia o Conde com attentos olhos
 A ressaca do jogo, sem anhellos. —
 E quando a noite veiu e as mesas verdes
 Se esclareceram co'o luzir dos lustres
 Perdera o Conde uma fortuna immensa,
 Á vista parte — e parte sob palavra.

« Ultimo lance »? — disse — « os meus palacios
 Contra isso tudo que eu perdi — quereis-l'ó »?

Hesitaram parceiros, tão de louco
 A aposta parecia — e o Conde Lopo
 Ouviu um arquejar, e uma lagrima
 Quente cahir-lhe sobre a mão.

Voltou-se
 Era a pallida Ignez, a pobre moça
 Dos amores da noite — o primoroso

Anjo da orgia, creatura bella
 Que o dia inteiro o delirar do jogo
 É o abysmar-se da fortuna inteira
 Do Conde Lopo vira, embranquecida
 A purpura da face, o olhar parado
 E descorados os abertos labios. —

« Conde! por Deus, por nosso amor, se acaso
 Á coitada da Ignez guardaste n'alma
 Um resquicio de amor, não precipites
 Tua fortuna assim! — Conde, não jogues
 Este lance terrivel! — »

— « Ignez, cala-te.

Se ganhar, ganharei o que hei perdido
 E como d'antes ficarei. — Perdendo
 Já que tanto existi em luxo immerso,
 Irei tambem exp'rimtar o gosto

Do pão d'azimo »

.

Tudo perdeu elle

.

Voltou-se e viu Ignez, banhada em prantos,
 Co'os joelhos de neve em chão de terra
 Com os olhos em lagrimas. —

« Que queres?

Ignez, tu sabes, eu tornei-me pobre:
 O Conde Lopo já morreu — eu hoje
 Sou um pobre vivente sem amigos,
 Sem travesseiro ao menos para a fronte,
 Que não as lages de enlameadas ruas.

Tu és formosa, Ignez, talvez encontres
Algun rico fidalgo que te queira. —
Pódes ser venturosa ainda... Choras?
Tu bem sabes, Ignez, fôra egoismo
Do desgraçado associar-te á sina
Arida e erma da miseria sua.

IGNEZ

Ah! Conde, Conde! que tão mal me entendes!
Escuta-me, eu te amei! Sob esse gelo
De tu'alma de fel eu te sonhava
Uma flôr virgem que ninguem soubera
Com disvellados mimos perfumosa
Em beijos entreabrir. — Conde eu amei-te —
E a ti só nesta vida... Que me importam
Prazeres de riqueza, luxo e sedas,
Se eu te sonhar em horas, alta noite,
Co'as fauces resequidas pela fome?
Que importa a vida delirada, tépida
Para mim, se eu pensar-te entregue ao frio
No marco do caminho...

CONDE

Minha sina
É um mysterio — como o mar — profundo;
Fôra de loucos intentar erguer-lhe
O véo que m'a sombreia. — Ignez, és bella,
Sorri-te ainda gozo aqui na vida.

Á vida errante que me resta agora
Não te venhas unir — talvez que ainda
Tua resolução fraqueie exausta
E arrependas-te então... Quando me viste
P'la primeira vez, ao ver-me sobre a face
Esse frio pallor, nunca pensaste
Que não de orgias, mas de causa interna
Me vinha essa descôr? quando dormias
Junto de mim, junto a meu peito, nunca
Me ouviste em sonhos com a voz tremenda
Gemedora a queixar-sê? e então na mente
Não te lembraste que um mysterio havia
Incognito segredo, negro e fundo
Como o despenhadeiro dos abysmos
Onde — de longe — rugidora sôa,
Ao som d'agua na pedra, a voz da féra?

A minha vida, Ignez, é um mysterio!
Ai de ti se podesses decifrar-lhe
Uma sombra sequer — que então fugiras
Dos braços meus, espavorida e fria.

Queres ligar a tua sina á minha?
Pobre pomba que anceia amor das aguias!
Gazella meiga que os affectos pede
Da onça dos juncaes! —

Continuou o Conde
Como antes seu andar. Pallida, attonita,

Cahida nos joelhos ella ainda
 Por muito tempo lhe seguiu c'oa vista
 Os passos sempre iguaes. —

E parecia

Uma estatua de pedra que se erguesse
 De sobre um tumulo. — No andar pausado
 Idea negra lhe turvava os sonhos;
 E caminhava sempre, a fronte pallida
 N'um véo sombrio de pensar envolta
 Com esgares no olhar.

Talvez, quem sabe?

Lembrança rubra de passado crime
 Com sangrento zombar lhe ria amarga
 Sarcastica no peito. — O Conde Lopo
 Ninguém o conhecia — era um mysterio
 Sua passada vida — negro abysmo
 O seu imaginar — ninguém podera
 Obter-lhe historia dos transactos annos.
 A frieza do olhar ninguém lh'a vira
 Escaldar uma lagrima fervendo
 A tombar-lhe nas faces. — Não, que ao moço
 Como ao Childe de Byron a altiveza
 Lh'a gelára nas palpebras...

Dos labios

Sómente ás vezes quando o vinho a fronte
 Lhe enturvava de somno — e elle dormia
 Co'a taça inda na mão — no pesadello
 Um gemido sahia-lhe quebrado
 Das cavernas do seio — mal ouvido

Nome soava que o arquejar cobria —
Do fundo resomnar. — A vida delle
Era um mysterio negro — um mar sem fundo
E assim o seu pensar em que abysmado
A alma lhe escurecia...

VIII

Vai escura

Cahindo humida a noite; o céu se alastra
De nuvens negras aqui e alli abertas,
No seu escassear mostrando brilhos
De perdidas estrellas. — Sopra o vento,
E rapidas as nuvens vão correndo
Em escura cadeia; o mar na praia
Soluça e quebra-se como um gemido.

Que triste que é ouvir correr os ventos
Na escuridão dos palmeiraes da serra!
Que triste que é o arfar das rôtas vagas
Nos abrolhos da costa em noite negra!
E o céu, sem um fulgor de estrella amiga,
A terra sem um som que não as vozes
Dos ventos e do mar entre silencio
Que apenas turba o acariciar da onça
Aos famulentos filhos na floresta.....

Sôam nas pedras do caminho escuro
Ao veloz galopar faiscando os seixos
Os passos de um ginete. — Eil-o que estaca
Açaimado do frio, junto á praia.
Copiosa espuma de mar lhe alveja
A reluzente escuridão do pello;
Respira ardente, porém não cançado —
As crinas longas sacudindo ancioso
Ao vento que do mar se eleva fresco.

Embuçado no manto, apeou-se delle
Um vulto negro. — Com as redeas soltas
O cavallo deixou — que espera immovel;
Que o filho dos desertos não precisa,
Generoso, como é, de mais que a ordem
Do nobre cavalleiro. —

Encaminhou-se

O vulto a um alcantil. — Eil-o parado
Com os braços no peito e o manto solto,
Aos caprichos do vento tremulando.

Eil-a alveja no céu a flôr das noites,
Magnolia alva que abriu — a argentea lua
D'entre o manto das nuvens olha candida
Para a terra dormida ao som dos mares.
É negro o mais do céu — correndo feias
As sombras o escurecem — outras vezes

Luz-lhes em meio apparecendo nivea
Em breve fundo azul, como uma perolã
No cobalto vivo do mar.

Co'os olhos nella
Vel-a a fulgir e se afundar em trévas
O vulto immovel do penhasco negro.
Ruge-lhe em baixo o mar, quebrado, altivo,
Em férvidas espumas, saraivando-lhe
Do amargo chuvisqueiro as roupas negras.

Á luz da lua que sorriu suave
Limpa de nuvens no azular do empyreo
Vê-se bello o mancebo alli da praia.
Louros lhe correm pela roupa escura
Annellados cabellos, transbordados
Do espesso gorro de velludo negro;
Tinge-lhe a face pallidez — gelada
Como o sorrir dos entreabertos labios.

Ao ver-lhe o fino das feições mimosas
Dissereis uma virgem — dessas alvas
Visões aérias que transluzem breves
No delirio dos sonhos — era bello
O pallido mancebo. — Qual podéra
Coração da donzella não render-se
Dos seus olhos de azul ás côres languidas,
Qual não sonhára em devaneios doces

Roçar-lhe a roza dos purpureos labios,
Sequer em leve beijo? Idéa era essa
Que de vencida levaria a todos
A não deixar de crel-a... E elle contudo
Tinha nas faces lagrimas de fogo!
Arquejava-lhe o peito... e agros gemidos
Da dôr no soluçar vinham quebrar-se
Nos labios que febris lhe estremeciam!

—

Não fallava porém. Dôres ha fundas
Que a voz embargam no exprimir dos labios!
Um nome apenas de mulher ás vezes
Nos labios murmurado lhe passava.

—

Como levado por idéa firme
O rosto serenou — as quentes lagrimas
Não lhe correram mais p'las brancas faces.
Sómente um rizo lhe franzia frio
De sombrio pezar a flôr dos labios,
Negro como o sorrir do desespero.

—

Lançou por terra o manto e o gorro escuro —
Voltou ao seu corsel, convulso os braços
Ao pescoço apertou-lhe e pranto os olhos
Humedeceu-lhe uma vez mais. —

Coitado!

Meu amigo foi elle — aqui na terra

Foi-m'o elle só — ninguem, ninguem amou-me
 Pois ella! ella... a quem eu... Além lembranças
 De mentida esperança, doudos sonhos
 De traidora illusão!... Podéra amal-a!
 Havia erguer-lhe um santo altar no peito!
 Que amores que eu lhe déra!...

Prantos, prantos,
 Além!... não quero mais chorar! seccai-vos
 E porque chorarei?... »

—
 Que idéas negras
 Volvi no idéar não sei dizel-o.
 Não fallou mais...

Encaminhou-se ás rochas
 Erguidas beira-mar, galgou de todas
 A que mais sobranceira negrejava
 Corôada de cardos e anãs plantas.

.
 A lua esclareceu-se, um vulto negro
 Do rochedo cahiu. — Sôou nas vagas
 O ruidoso fragor de rude pezo
 Batendo n'agua — e azul o mar fecho-se
 Sobre o corpo do moço como a pedra
 Que cobre ao fosso o abafado leito.....

—
 Ouviu-se n'agua um ciciar bem como
 O do nadar de monstruoso peixe —
 E após um corpo negro deslizou-se

Sulcando as vagas. —

Era uma canôa —

Ouvira o homem que a regia estrondo

Desse tombar no mar — rapido o barco

A esse logar chegou. — Viu debater-se

Em convulsa agonia de affogado

O suicida desperto á voz do instincto

Anciando viver. — Lançou-se ás aguas —

Breve reapareceu nadando, preso

Pelos cabellos loiros desmaiado

O formoso mancebo. — Nesse tempo

Levado p'la ressaca o barco delle

Na areia encalhava, e elle sentia

Lhe enfraquecerem já os lassos membros

No porfiado lutar com o Oceano

Para salvar-lhe a preza. — Ultimo esforço

Do affouto nadador levou-os ambos

Á praia — um vivo — e um gelado corpo.



CANTO VI

.....« In faith t'was strange, t'was passing strange
« T'was pitiful, t'was wondrous pitiful...

SHAKESPEARE.

Mulher, mulber, que és tu ? mentira ou sonho
Uma palavra, fugidia sombra,
Criarão-te poetas, teu fantasma
Dorme no céu talvez — Pensei-o ás vezes
Em minhas nuvens a correr em sonhos!
Dondo que eu fui de assim baixar-me á terra
Para a vizão do imaginar buscal-a

Aldo (DE GEORGE SAND
(Trad. do A.)

PRELUDIOS

 AMORES e glórias!... sonhei-vos! e quanto!
Que digam as nuvens do frouxo luar .
As vezes que viram-me em scismas de — pranto
As faces molhar!

Que sonhos! que sonhos! que eu tive acordado!
Que olhares — que beijos, que vôos ao céu!
Que anciados apertos de um seio nevado
Batendo no meu!

Que sonhos! que anceios! que luz no porvir!
Que flôres na vida! que aéreas vizões!
Que labios abertos, em flôr, n'um sorrir!
Meu Deus! que illusões!

Que tanto perfume que mal me cabia
Nos vasos do seio! que virgens amores,
Que sonhos fulgentes de terna poesia,
 Que céu! que ar! que flôres!

E essa alma de sonhos tão ébria — tão cheia,
Na terra não quiz amar-m'a — ninguém!
Os peitos que amei, achei-os de areia
 — Que pulso não tem!

E pois a alma crente dos cantos de amor
Gelou para o mundo, e riu, e descreu!
Sómente uma lagrima da face a descôr
 Quente — humedeceu!

Porém uma só! não mais! e paguei
Os rizos com rizos e o gelo com fél.
Dos élos do mundo co'as plantas quebrei
 O ultimo anel.

E hoje é meu sonho na sombra habitar
Dos montes silvosos. — Ouvir — só o vento
Das aves da selva o agudo lamento
 Das fêras o uivar...

E ver só o céu — azul d'entre o verde
Das densas folhagens — sem nódoa, sem véo
E o mar reluzente que ao longe se perde
 . Nas sedas do céu!

Viver lá sósinho co'os ventos e as flôres
Sem ver cá da terra um falso sorrir,
E á noite, ao luar, nos molles verdores
Das grammas dormir

Serei solitario na selva esquecido
Dos falsos do mundo entre aves e féras
A ouvir d'entre as folhas o surdo rugido
Das ruivas panthéras.





I

ERA silvestre roza friazinha
E pallida — e gelada
Pendida a reflectir na flôr das aguas
A face desmaiada!

Em triste pallidez esmorecida
No campo ermo e sosinha
Exhausta de viver, já sem aroma
Sem amores que tinha.

A fallar-nos do céo, e em morte doce
Lá d'alma angustiada
E branca toda, e aberta ao frio e ao vento
De noite de geada.

Absorta em seu soffrer, tremula á briza
Que o seio lhe gelára
E mudo o valle que um névoeiro frio
Como um lençól branqueára —

Parecendo exhalar a fraca vida
Em gemito cansado ;
Dê uma descôr lethal, mas tão suave
Que eu a vi ajoelhado

E nella era uma per'la de sereno
Docemente tremida,
— Doído pranto de saudade amarga
Em face enfebrecida !

E era qual virgem morta em fins de um baile
Candido o labio frio
Alegre inda a sorrir — que o anjo pallido
P'la manhã extinguiu!

Vestindo branco, n'alva fronte rozas,
No seio inda uma flôr
Que da valsa ao findar sentiu a face
Esfriar-lhe o pallor.

E era qual astro que antes de sumir-se
Traz do véo da nebrina
Ou affogar-se em luz nascendo a Aurora
Em onda purpurina
Ainda verte empallecido raio

De tão suave encanto,
E elle tão triste que parece — ao vel-o
Humedecido em pranto,

E era qual andorinha amortecendo-se
De saudades e amores
Muda e silenciosa immersa em máguas
Em um mar de amargores.

Era uma roza desluzida e pallida
Tão alvazinha e fria
De um languor tão aereo — tão suave
Se chorar parecia
A pensar em morrer chorando a vida
Que tão misera a fez
Com a face no chão, n'alma a tristeza
— De morta pallidez —
Que eu senti de meus olhos escôar-se
Uma lagrima ao vel-a;
Ante ella m'ajoelhei, amei-a em prantos
E em prantos sonhei n'ella. —

No outro dia eu voltei. Era erma a planta
E mirrada e sem côr, desfeita a roza,
— O vento a desfolhára.
E ao vel-a assim — chorei lagrimas longas —
Todo um porvir de amores e esperanças
A sós m'abandonava!

II

Além a allegoria! era uma moça
Linda embora — perdida em gozo infame,
Um anjo que cortou as azas brancas
E atirou-as ao mar.

Foi uma flôr que prostituiu seu brilho,
Que da brisa engeitou amores puros
P'lo beijar ébrio da nocturna orgia
No chão do lupanar.

III

Amei-a! e muito! — Disse-lhe perfumes
Que no sanctuario d'alma eu lhe queimára
Contei-lhe sonhos. — Coração e vida
Déra tudo por ella;

Rojei-me aos joelhos seus, fallei-lhe em prantos
Com o peito a soluçar e a voz cortada
E riu deitando-me inclemente olhar!
Nem lamentou-me a bella!

E a roza que aos meus timidos amores
Do coração aos disvellados mimos
De extremoso querer negára — a virgem
Deu-a que não a amor. —

Deixou-me ao peito o coração sem fibras,
Á lyra as cordas estalladas, mudas,
E foi vendel-as, as nevadas fôrmas,
No leito do impudôr!

IV

Fada no rosto, seraphim no riso
De labio coralino!
Visão de trovador na fôrma candida,
Huri no olhar divino!

E tão infame! lyrio aberto em lôdos,
Agua argentea — corrupta
Pelos charcos do pantano — tão bella
Meu Deus! — e prostituta!

Tão puro labio a acordar no peito
A embriaguez do desejo,
Mas que o pousar de libertinas noutes
Nodoou em torpe beijo!

Tão niveo o seio — mas cansado e exausto
Da convulsão da orgia —
Luz-te nas faces pallidez romantica
— E dentro... a alma é fria.

Oh! quem te visse sobre a mão dormida
A face descorada
E não te cresse uma visão de neve
Ao luar deslisada?

E quem te visse assim com teus cabellos
 Esparsos te ondeando
 P'los brancos hombros nús e não te cresse
 Anjo em sonhos passando?

Mas olhos d'elle se afundar podessem
 Esse profundo mar
 Que chamam coração, e elle te lesse
 Estatuá, o idear —

E visse lôdo o coração da imagem,
 Veneno o beijo impuro
 Que do louco ancejou no peito ardido
 Em sonhos de futuro.

Diz que desprezô, que cuspir nas faces
 Impuras — te bastára
 Que valessê a illusão que tua infamia
 No peito lhê matára?

.
 Tão bella! e tão perdida! Albor de estrella
 Em lagôa corrupta —
 Na face um anjo, n'alma lôdo — a um tempo
 Sylphide e prostituta!





CANTO VII

I

VOLTEMOS ao poema. — O Conde Lopo
No seu devaneiar sentira a areia
Das praias lhe estallar por sob as plantas;
Como que despertou então das scismas —
Olhou em torno. — A tarde descahia
Auri-purpurea sob céos de outomno.
Era doirada a luz, lustrando as vagas
Com reflexos de fogo auri-luzente. —
Nas ramagens das arvores coada
Entre oiro e roza a luz estremecia.
As serras do horisonte em purpura parecem
D'azul-roseo crysol sob céos d'oiro.

Tinham mais cheiro os campos — e nas folhas
Dos arvoredos beira-mar brincava
Tépida a viração. — Era a hora bella
Fadada aos sonhos do porvir: — Venturas
Quem não sonha-as então entre essas côres

Do matizado céu rindo feitiços
À terra enfloriscida, e ao mar corado
Como clarão bruxuleador da tarde
Do furta-côres auri-azul celeste?
Quem não sente também encher-se o peito
Ao ver as rozas do poente acceso
Rouxeadas murcharem nos escuros
Do véo de sombras que lhes cobre as galas?
E essas nuvens luzentes deslisadas
Em mar de anil, como castellos aureos
De errantes ilhas onde riem Armidas
Cobrirem-se de negro, e em mágua e luto
No escuro anoitecer morrerem pallidas?
E quem não sente então em vaga mansa
Lago de sonhos o inundar e meiga
Flôr de melancolia abrir-lhe n'alma
Com pallido sorrir — de aroma triste
Mas de encantos tão cheia?

Faz-se — noite

E o cume — além — dos denegridos serros
Alveja um raio da nascente lua —
Inda a luzir como um crescente d'oiro
Eil-a que s'ergue e pouco a pouco sóbe
Como um orbe de prata, já perdido
O primeiro doirar — eil-a clareia
O mar e os campos, e as folhagens verdes
Reluzem como d'arvores de prata
Humidas folhas nas sonhadas vistas
De mil e uma noite em contos Arabes.

O Conde Lopo os olhos divagava
Sobre tanto fulgor; sentia gozo
Passar-lhe n'alma n'um correr suave,
Como dos ventos no mar alto, quando
Traz a brisa do mar odôr de flôres

E perfumes de terra; — inda mentido
O sentir seja que embriaga o peito
Com encanto fallaz que doce, que alma
É abrir-se-lhe então semeando effluvios
No livre respirar desse ar mais puro!

E pois o coração lhe tremulava
Alegre palpitar em gozo doce,
Como bandeira branca á brisa solta
Floreada a correr batendo alegre.

Era deserta a praia — entre uns rochedos
Viui amarrada uma canôa leve
Barco gentil de pescador. — O Conde
Amava o andar na aguas. A barquinha
Sem dono parecia, o curso breve
Pretendia fazer e pois entrou-lhe
No humedecido bojo — a mão ligeira
Soltou a amarra e com a pá do remo
Como um leviano cysne, o barco leve

Arfando deslizou na flôr das aguas
 A rebentar escumas, ña ardentia
 Do mar da noite prateando sulcos.

II

O Conde esse pois era que o mancebo
 — O suicida formoso — salvar fôra.

III

Chegaram pois á praia, elle e o mancebo
 As roupas d'ambos gottejantes, cheias,
 Das areias da riba —

O moço louro

Pallido como Don Juan lançado
 Pela vaga da praia — na Odysséa
 Desse guerreiro — trovador errante,
 Que á Grecia amou o marmor das ruinas
 E foi as flôres orientaes colher
 P'las ilhas do Mar Jonio as cordas aureas
 Para com ellas perfumar da lyra —
 Co'a fria pallidez das faces mortas
 Parecia afogado. — Só a Haydéa
 Faltava para o Don Juan formoso;
 Porém não veiu oriental donzellã
 Envolta em raras perolas, e soltos
 Cobrindo as costas os cabellos negros,
 Com o roupão de cachemira aberto,
 Da mosselina sob o véo cioso
 Mostrando as ancias dos nevados pommos,
 Com labios virgens n'um sorriso abertos.

Não veio pois ninguém, e assim o Fado
 Poupou-me o ter de abandonar a penna
 Para embeber-me no idear dos sonhos
 Que frios versos exprimir não podem —
 Que não de alma de Byron.

A alva filha

Do pirata descrido e a grega serva
 A discreta Zoé, suppria o Conde
 E — esse brioso corsel de negro lustro
 Escorrendo suor d'impaciencia
 Que co'a rédea ao pescoço ahi ficára
 Na pedregosa solitaria praia
 Esperando o senhor. —

Em breve o moço

Aos cuidados do Conde despertára.
 Vendo-se á vida revolvido, afflicto
 Cerrou os punhos e o ranger dos dentes
 Mostrou-lhe a afflicção. Cálmo-o o Conde —
 Sceptico embora, consolou-lhe as mágoas —
 Com palavras tentou, como esses padres
 Do agonizante á cabeceira dizem
 O decorado sermonar; fallou-lhe
 Em consolos da esperanza, em céos abertos,
 De olhares de donzella — até na vida
 Dos preguiçosos frades, na mentira
 De repouzar na religião profunda
 Dos mosteiros de hoje... o que mais disse
 Nem eu dizel-o sei. — Lá dentro d'alma
 Ria de certo o Conde recordando

De alguma confissão, conselhos frios,
Batidas expressões que entre bocejos
Em tédio confessional diario escuta
De sacerdote que avezou de ha muito
Exemplo e hypocrisia a ditos vacuos.

Quem o ouvisse comtudo pensaria
Todo o calor de convicção ness'alma,
Que taes cousas dizia talvez mesmo
Ao ardente exprimir dobrassem nelle
— Falto de outros ouvidos — os sentimentos
De profundo descrêr. — E jesuitas
Certo que o bradar se ouvir podessem
Angareal-o haviam para frade,
Convencedor de turbas, visionario,
De hypocritas virtudes — como os outros.

Y

Não, o mancebo que lançara á morte
No marulhar das vagas o desespero
Se longo o somno não lhe houvesse turvo
Do cerebro travado tanto tempo
Dormiria de certo. Mas agora
Ao prégador achou melhor pagar-lhe
Por conselho os conselhos — e portanto
Disse-lhe ha pouco a móssa que faziam-lhe
Consolos de palavras. — Riu-se o Conde
Se era de escarneo dos conselhos mornos

De tediosos monges, — ironia
Portanto essas palavras desse joven
De orgias viver do vinho e gozo
Tão amante e da vida tão descrido
A zombar della com sarcasmos sempre,
Como da prostituta vil e podre
O menino das ruas que ri della
E a desama e lhe dá só apedrejos,
Eu não o affirmarei — Comtudo o creio.

VI

Então abriu-lhe o coração o Conde;
Mostrou-lhe a chaga a lhe sangrar, inteira
Que trazia no peito a alma descrida;
Odiava a vida renegando os rizos —
E a ironia lhe voltou aos labios
Atroz, acerba, do viver, dos homens,
A rir desprezadora. — A mágoa funda,
Desgosto do existir que mal cobriam
Volupias d'alta noite, ao som dos beijos,
Dormidas horas com mulher que o peito
Gasto nem faz um palpitar de gozo
Do saciado coração nos tremulos
Anhellos da materia em febre infame.
E loucas convulsões de torpes ancias
Mostrou-lh'as n'um sorrir, deu-lh'as patentes
Do gélido sarcasmo em negra fallas.
Como o Saffie do romancista amargo

— Do fuzilado ao filho — convidou-o
Sua vida a viver, a ir com elle
Pelas terras do mundo a rir-lhe a insânia,

O MANCEBO

Para que? Se morreu aqui na terra
A minha ultima flôr — se nada espero
E não quero viver sem esperanças
E morrerei portanto?! — O salyamento
Que me déste mal te haja — foi-te baldo
O esforço do nada! Hoje o suicidio
É o unico desejo meu — a morte,
Derradeira das minhas esperanças,
Que importa o gozo do soffrer dos homens,
De ouvir-lhes o gemer quebrado em labios
Nas horas de agonia! — Soffri muito!
Nem alegrias nem penar de angustias
Ha ahi na terra que me adoce as penas,
E morrerei portanto — o mar é fundo
Guardar-me-ha o segredo, — A dôr intensa
Que assim me quebra todo o apego á vida
Não hão de homens sabel-a!

Bem dormido

Descançarei na terra — aonde as vagas
Encalharem-me os restos corrompidos,
Não irão lagrimas de amante falsa
O corpo me orvalhar; não hei-de ouvil-as
Queixas de hypocrisia em boccas impias
A profanarem a mudez sagrada

Do aposento dos mortos — nem cabellos,
De fingido prantear humedecidos
No perfido roçar de infames labios,
Hão de correr-me pelo rosto frio,
No féretro nas horas de partida
Na extrema despedida!

Disseste — a mágoa
Roeu-te inteira o coração — affectos
Foram-te d'alma p'lo sorrir das flôres —
E fallas-me em viver? Covarde, sentes
Desfallecer-te ante o gelar da campa?
Tremes transees da morte?

CONDE LOPO

Rio della

Como rio da vida, e disse tudo
Que ainda amas, mancebo, sem que o penses!
Talvez trahido no mais puro affecto
Vens a vida cortar p'lo desespero
De perfida trahição... Pobre mancebo!
Viesse agora essa perjura ingrata
Viesse com suas lagrimas ardentes,
Mentirosas embora, a encher-lhe as faces,
Que havias de prostrar-te ahi n'areia
E adora'-la e pedir-lhe perdão inda!

Tambem muito chorei: e fui á noite
Nas sombras do nevoeiro arfar as mágoas
Pedindo ao fresco do gear calmasse

A febre devorante das insomnias!
Fui infeliz — Soffri — Ferrea desgraça
O coração m'ò espremeu em vâscas
De delirante dôr. Soffri, mancebo,
Como pôde soffrer um peito de homem!
Se não morri foi porque a dôr não mata!
Se não lancei-me ao mar foi que aventuras
De desvairada vida me levaram
Ahi, por esse mundo, como o errante
Hebreu do mytho da idade média.
Tudo em vida tentei! Rico, em orgias
Partê esbanjei de amontoados cofres
Pejados d'oiro que os avós me herdaram.
Parte o jogo levou-me. Hontem ainda
Eu possuia milhões — mas hoje apenas
Um miseravel sou, que se os andrajos
De mendigo não traz e não se prostra
Ao caminheiro a perpassar na estrada,
É que n'alma lhe sobra inda riqueza
De indomavel orgulho. — A vida toda
Sei-lhe pezo e valor — Passei-a inteira,
Senti uma por uma as flôres della.
Da mancenilha venenosa á sombra
Deitei-me e adormeci, e as flôres todas
Eram mentidas — mancenilha apenas!...
Ou então frias como ao lago á noite,
Insipidas papoulas côr de roza,
Estrellas de theatro, nuvens bellas
Cá dos longes da terra; mas ao perto

Agua em chuveiros frios condensada,
Exhalações dos pantanos, pousadas
Nas alturas de além, de um céu mentido.
Em lugar de matarem-me e dar á terra
Ou ás aguas de um lago um corpo frio
Para os vèrmes, os peixes ou abutres,
Preferi continuar a vida ainda.
Porque? eu nem o sei... Mancebo, escuta —
Ainda és moço, sobra-te no peito
Muito fogo de vida. — Ensaia os gozos
O enfebrecer da embriaguez das festas,
Os beijos de mulher nas faces rozeas,
De Syracuse o nectar, vinhos gregos
Em corôadas crystallinas taças!
Talvez que possas tu voltar ainda
Ao amor, á vida; com ardencia pura
Se não poder-l'o ser, com ancia ao menos. —
É uma receita como qualquer outra,
Pratica dura de lidar com mágoas
Me deu esse saber. — Ensaia ao menos! — »

.
Levantou-se o mancebo — a mão do Conde
Tomou, e caminhando pela praia
De brancas penhas erriçada, cheia
De cardos e alóes, pausado o moço
Contou-lhe a historia da passada vida,
Horas de sonhos que o desgosto e o pranto
E apenas — ao depois seguiram. — Era
Esse um romance como os outros todos,

Cheio de amor e de paixões d'uma alma
De virgem anhellar, dourada ainda,
Contos de amor, de mal extincta chamma
Quem inda os não ouviu? Fôra mui longo
Contar o que elle disse ao Conde Lopo —
Em pouco se resume essa novella:
Amára e ás juras lhe sorria a imagem
De uma deusa na terra — ouviu-lhe as fallas
Ao louro moço, que poema d'alma
Tão moça ainda, foi sagrar-lh'a inteira
Em devaneios de ideador, ás plantas
Dessa amada mulher. — Eram delicias
A clareiar-lhe a mente, a luz, as nuvens,
A terra e a vida, o mar, o céo, as flôres
Tudo amava por ella, só por ella!
Era-lhe a bella sua estrella argentea,
A sua flôr azul crescida ás bordas
Dos espelhos do arroio, borrifada
De perolas de escuma — era-lhe a bella
Sua briza da noite; sons que ouvia
De enlevadora musica; fallavam
Della e dos rizos della. Era-lhe a vida,
Pois, ao pobre mancebo, amor insano
Mas suave como o rosicler das alvas
De tepida estação.

E após de tantos
De tão doirados sonhos do illudido
Alheado imaginar, que lhe restára?
E pois ess'alma d'illusões desfeitas

Desentendida p^olo gelado peito
 Dessa que tanto amou cerrou-se em trevas
 E vertigem insana apoderou-se
 Do cerebro cansado em doudos prantos...

.

VII

Cada palavra que dizia o moço
 Ao Conde Lopo no amargo peito
 Sorria alegre o coração de orgulho.
 Advinhára o descridor a mágoa
 Que derrubára ao mar, cheio de vida
 O mancebo gentil. — Desencontrados
 Corriam-lhe comtudo os sentimentos :
 Nas idéas do cerebro — pensava
 Com dó nesse infeliz; alma-poeta
 Ebria imaginação de virgem terna ;
 Pobre mancebo debulhado em lagrimas !
 Com o peito a estallar-se entre volúpias,
 E ao mesmo tempo a imagem dessa ingrata
 De fel o enchia, a imaginar a insania
 Dessa louca donzella que thesouros
 De tão suave amor menosprezava
 E tanta flamma arrefecer deixava
 Na frialdade d'agua ! —

Finda a historia

Cobriu a face com as mãos o triste,
 E desatou em prantos, apoiando
 Do Conde Lopo sobre o hombro a fronte.

VII

CONDE LOPO

« Mancebo, inda não disse a um peito d'homem
 — Amigo te serei — isso de ha muito. —
 Hoje t'ó digo — a amizade queres
 De um homem que soffreu?

O MOÇO LOURO

Sou teu amigo.

Teu nome?

O CONDE

O Conde Lopo, foi-m'ó.
 Hoje — Ricardo — o — menestrel me chamo.
 Nasci poeta, tirarei pois vida
 Dos cantos meus. — Agora qual teu nome?
 — Cavalleiro Gastão — Meu pai é nobre.
 Dado á marinha, elle cingiu de louros
 Nas pelejas navaes, ganhos á espada,
 O brazão nobre do feudal castello.
 Segui-lhe a vida. — Cavalleiro dei-me
 Aos amores do mar. — O amor da ingrata,
 Dessa fria mulher me demorára
 Aqui, longe da patria em ocio infame,
 Esquecido de glorias. — Embriagado
 De dôr e ciume quiz morrer. — Vieste
 Então, amigo meu. — Viverei ainda,

Pois o queres, se a vida tem requebros
P'ra o desprezado peito sem venturas
Mal amado amator. —

Sorriu o Conde
Com amigo sorrir, travou-lhe franco
Da dextra ao cavalleiro.

CAVALLEIRO GASTÃO

Conde Lopo —
Estás pobre, disseste. Vem commigo
Tenho pouzada, dar-te-hei abrigo.
O que tenho terás.

CONDE LOPO

Eu t'o agradeço —
Disse o soberbo Conde — vim n'um barco
Que eu aluguei de um pescador na praia,
Que além da esquerda fica. Hospitaleiro
O bom do velho offereceu-me pouso —
P'ra lá volvo-me.

CAVALLEIRO

Adeus, pois. Se ainda
Quizeres-me encontrar, junto á cidade
Ao entrar na floresta ha uma quinta
Entre verdores a alvejar; ondeia-lhe
Um lago ao pé. — A qualquer dize
— Cavalleiro Gastão — e hão de ensinar-te
O caminho que leva á minha casa.

Despediram-se. — Apartam-se os dous moços.

Volta no seu corsel o cavalleiro. —

O Conde Lopo — aonde foi ter elle?

Que n'agua não se ouviu o som do barco

A resvallar quebrando a onda em sulcos

Do mar que infindo a soluçar rebenta

Nos areaes da riba? —

N'um penhasco

No manto negro se envolveu deitado. —

Dormia? quem dissera-o? a alma delle

Não havia o sondal-a. — Abertos olhos

Fixava elle no céu. — Escuras nuvens,

E frio chuvisqueiro e o vento rijo

Levantado do mar — e a luz ás vezes

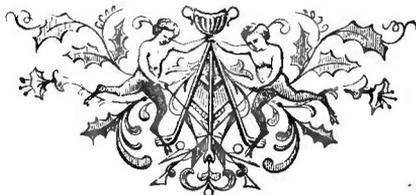
No escurecido céu de um meteóro

Entre as nuvens cahindo — pareciam

Ameaçar tormenta. O Conde Lopo

Com a face na mão, olhando as trevas

Estendido na rocha alli se mostra.



CANTO VII

UM TUMULO ABERTO

Combien de fois avez-vous aimé ?

ANTONY.

Demandez à un cadavre combien de fois il a vécu...

ALEX. DUMAS.



CANTO VII

E' fria a noite no areal das costas
Quando é sem luz o céu entre negrumes
E de a escuridão avultam negras
As rochas onde uivando o mar estalla.

É fria a noite quando o Norte escuro
Das aguas no estendal repousa frio.
E as areias da praia se humedecem
Das escumas que a vaga irada cospe.

Escura a noite vai. Dous negros vultos
Por sobre a areia que no escuro alveja
Sombrios passam como feias nuvens
Par a par escorrendo em fundo livido.

.....
Além na areia arremeçara frio
O fluxò da maré — deixado em secco
Um estendido corpo. Os vultos negros
Ao irem-lhe de ao pé paravam vendo-o.

Era um cadaver, mas ninguem podéra
Decifrar-lhe as feições, tão corrompido.
Ahi o lançára o mar, desfeito e pôdre.

O louro cavalleiro (pois era elle
E o Conde Lopo, esse outro, que ahi vinham)
Passeando na praia ao companheiro
Fallou assim :

Mysteriosos fados
Desse cadaver quem dissera-o? Triste
Suicidou-se talvez — quiçá cobarde
Um assassino o arremessou ás aguas...
Negros arcanos encoberta á morte
Fôra uma historia singular a delle
Se volvessem finados a contal-a.

O CONDE

Já muitas vezes encarei semblantes
Que a morte enteiriçava e ouvi gemidos
Na afflicção de um soluço em labios frios,
Turvados se quebrar...

O CAVALLEIRO

Entre a peleja
Nos combates do mar á luz do incendio
Muitos eu vi tambem mas então a alma
O perfume das trovas vertiginava
Em feroz alegria entre as bombardas

Quando brame o canhão e as náos se abalam
No movel chão do mar, então delira
Ardente o imaginar e agrada o sangue
Ao resfolgar dos arcos.

Porém quando
Fóra do chão vermelho do combate
Vejo trazido p'la maré boiando
Amarello cadaver, sinto o peito
Confrangir-me o horror e então ignoto
Frio sentir no coração me passa.

CONDE

Pois eu, mancebo, já os vi gelados
P'lo frio do punhal juncando a terra! —
Minha historia, donzel, é cheia delles
Como um sombrio pezadello. — A idéa
Não te pintára mais escuro que ella
Um medonho romance. — É um mysterio
Que tremeras, mancebo, de escutal-o,
Alumiado de clarões de mortes
Cheio de brilho de punhaes — o sólo
De sangue roxeado — e além — no fundo,
Estira-se o cadaver sobre a terra...

CAVALLEIRO

Conde, vosso descrer, vossas palavras,
Me revellam que uma historia negra
Vos doia no passado. — D'indiscreto

Cri dar-vos mostras de querer sabel-o
 Esse vosso segredo — e pois callei-me.
 Quando após do banquete adormecieis
 Vi agitados sonhos vos travarem
 Do imaginar pela sulcada fronte.
 Soffreste, Conde! — Se a amizade pura
 Crês — na do peito meu, contai-me os factos
 Desses passados peregrinos dias,
 Dessas horas de sangue. — Atro mysterio
 Abafa o peito se o recalca ahi dentro
 Desconfiança d'homem. — Se indiscreto
 Meu pedido julgais — se esse passado
 Juramento ou querer, faz-vos mysterio
 Para olhares profanos; se uma causa
 Emfim deverdes, Conde, de occultar — callai-m'o
 Que não me offenderei — ».

—

O que passou-se
 No cerebro do Conde a taes escutas
 É difficil dizer. — Calou-se. — Apenas
 Frio sorriso lhe franziu os labios. —
 Satanico porém como a tormenta
 Que lhe lastrava p'las cavernas d'alma:
 A lhe brãmir lá dentro.

O CONDE

Cavalleiro,

De um castello feudal na torre negra
 Do perpassar do tempo, nasci nobre. —

O ar de Italia perfumou-me o berço
Com seus eloendros e cheirosas murtas.
Nas fraldas do Apenino em rochas negras
De pico inacessivel por um lado,
Por outro unido á verdejante serra,
De meu pai — nobre Conde — se assentava
O invencivel solar. — Dissereis ninho
D'aguia voadora na garganta escura
De um serro não trilhado por humanos : —
Lá de cima o olhar corria livre
Os campos da Toscana. — Essa morada
Fizera meus avós reis dos terrenos
Que á vista se estendiam — reis de facto
Se de direito não. — Mas brando jugo
Era aos servos da baixa da planicie
Cultivadores das amenas varzeas
Que devassavam os potentes donos
Do soberbo castello das montanhas.

Correu-me a infancia ahi alegre e bella
Como a roza levada p'la corrente
Do rio d'aguas vitreas, como as garças
Nadando brancas, deslizando abertas
Ao vento azas de seda, ou em Veneza
A luz que nas vidraças resplendece
Das casarias do canal, ou antes
Aos clarões do luar, — ahi tão bellos ;
Resvala a gondola ao correr das aguas
Do barqueiro aos descantes melancolicos.

Assim era-me a infancia — ora a assucena,
 No valle aberta, debruçada n'agua
 Que vivia a amar, ora era a nuvem
 Com seu docel de roza onde eu sonhava
 Uns palacios doirados, ora a pomba
 Branca a poisar-me sobre a mão, sorrindo
 Entre os suspiros seus, ora doirada
 Uma azul borboleta que eu seguia
 Por entre as folhas humidas do parque.

Mas a infancia passou ; bem como passa
 O arrebol da manhã e vem a ardencia
 Do meridiano sol. —

Um dia, ás horas,
 Que desperta no Céu a madrugada
 No meu cavallo eu percorria os campos
 Nesses sonhos immerso que aos mancebos
 Emballam tanto a mente. Ouvi uns passos
 Como o tropear de algum ginete — e cedo
 N'um candido corssel eu vi montada
 De azulado vestido e longas roupas
 Uma alegre donzella — galopando.
 O garrido corssel, as brancas sedas
 Das crinas reluzentes sacodia...
 Cada vez, mais de mim se approximava.

Pude-lhe então melhor notar as fórmãs.
 A amazona seductora e bella
 Era uma rosea virgem fresca e pura

Como a sultana do rosal. — Os crespos
Que o movimento do corsel soltára
Desfeitos lhe cahiam sobre o collo
De transparente neve, reluzindo
Sob as abas azues, a pluma trémula
Meio — cahia do chapéo mimoso.

Na mão esquerda as redeas segurava,
N'outra um ramo de flores.—Quanto ás faces
Rosava-as o prazer e da corrida
Talvez a agitação.—Quando passou
Junto á mim o corsel cahiu-lhe o ramo;
Quiz ella demorar-se, mas o fogo
Do brioso ginete arrebatou-a—
Embalde a nivea mão tentou-lhe as redeas
Por um pouco suster, corria sempre!

Com a mente cheia ainda dessa imagem
Que assim tão bella me corréra adiante,
Eu perguntei-me se visão não era
Isso tudo que eu vira. O lindo ramo
Levantei-o do chão. Eram violetas
As flores della, entre ellas reluzia
Uma branca rosinha. Tive idéa
De á donzella ir leval-o, e assim ainda
Mais uma vez podel-a ver.—A redea
Ao cavallo soltei e disparado
A todo o galopar corri p'los campos,

Saltando os vallos e o espinhal das cercas.

.
 No cimo de um outeiro a fôrma bella
 Azul lhe divisei a destacar-se
 Sobre o oiro do céu da madrugada
 O ar da briza lhe agitava os crespos
 De castanho fulgor.—E ella immovel
 Parecia esperar. Todo embebido
 Nessa visão do céu correu-me breve
 O caminho até ella.—Um sentimento
 Que até hoje ignorára me acordava
 Em frémitos no seio.—A' bella moça
 As flores entreguei.—Ella sorriu-me
 E no sorriso carmezim ficaram
 As rozas do semblante d'ella.

Mudos

Nós ficámos assim, nem eu ousava
 Uma palavra lhe dizer, nem ella
 Os olhos baixos levantar.

Confusa

Murmurou ella, emfim.—Eu agradeço
 Vosso obsequio, Senhor.—Mas, cavalleiro,
 Tenho um outro a pedir-vos.—Por acaso
 Do solar da montanha qual a estrada
 É dessas duas que de além se cruzam,
 Sabereis me dizer? —

«Sou do castello,

Formosa dama, ser-me-ha ventura
 P'los desvios da estrada ser-vos guia.»

Nada me respondeu. Partimos ambos,
 Porém sem galopar. Co'a redea ao collo
 Andava meu corsel a par do della.—
 De tantas cousas que eu sentira n'alma
 Nada podia-lhe dizer. Olhava-a
 E ao vel-a me sorria a idéa n'alma!
 Doce e breve nos foi esse trajecto —
 Cedo chegámos ao portão dos muros.

Ahi nos apeámos.— A donzella
 Disse queria que chegassem todos
 P'ra com elles entrar.—Deixára-os ella
 Por seu prazer de galopar ao fresco
 Da madrugada azul que em céos tão puros
 Sem véo de neve se arraiava ledã
 De matizes purpureos. As folhagens
 Lustrosas de rocio, as flores pensas
 Sob o pesar do orvalho e a aura suave
 A's verduras do campo, amava-as ella
 Sosinha a discorrer.—O peito virgem
 Lhe anciava mais sereno entre os frescores
 Dessas almas saudosas.

Chegou breve

A reunir-se com ella a companhia.

« Meu pai », disse ella a um garboso velho,
 « Um cavalleiro aqui vos apresento
 « Que ensinou-me o caminho do castello —
 « Agradecei-lh'o ». —

No castello entrámos

Em alegres conversas. Ao saberem
 Quem eu era, por meu pai, maiores
 Favores recebi de todos elles.—
 Não ha contar-vos que prazer, que encanto,
 Esse dia gravou-me na memoria.

Primores de pincel nunca igualaram
 A perfeição da formosura della.
 Quadros de Raphael ou de Ticiano
 Nem chegavam-lhe aos pés. — Se brilha nelles
 O ardente colorido em roseas fórmis
 Fôra essa vida, esse olhar de chamma ardente
 Que me queimava n'alma — essa frescura
 Do labio aberto patenteando perolas
 De feiticeira alvura.— Quando á noite
 Volvem-me ás vezes encantados sonhos
 É bella assim que m'a desenha a mente,
 Em sombras d'oiro, d'azuladas roupas
 E a pluma branca a lhe prender no collo,
 Os desfolhados tremulantes focos.
 Esses anneis desfeitos, onde a briza
 Ia aromas beber, e esses olhares
 De limpido fulgor e negras tintas,
 E o castanho das tranças reluzindo
 Com reflexo doirado e a fronte e os labios
 E a face cheia de rubor, tão bella
 Como eu sei-a sonhar, mas não dizel-o.

.

Ahi parou o Conde.—Longo tempo
Ficou immerso n'uma idéa, immovel,
Com os olhos no céo—

—

Amei-a e ella

O anjo, amou-me tambem.—Corações puros
De amor, dos mesmos sonhos embebidos
Juraram mutuo amor....

Oh! quantas vezes

Emquanto aos outros distrahia a festa
Não vaguei pelo campo, a sós com ella!
Oh! quantas vezes não lhe disse fallas
De profundo sentir! E ella sorria.....
Mais apertadas mãos, o olhar mais terno
Voltavamos ao baile.

Amei-a, amou-me!

Foram duas perolas no amor fundidas
N'uma perola só, foram dois anjos
Unidos lá no céo. N'uma só nuvem
Duas nuvens ligadas lá no empyreo—
Nossos dois corações eram tão puros!
Os nossos olhos um aberto livro
Onde ambos liam sentimentos mutuos,
Eram um lago de crystal tão claro
Que d'agua a limpidez mostrava ao fundo
A areia argentea dos coraes purpureos.

.

Um dia separamo-nos mais tristes
Em pranto os olhos. — Mas amarga e longa
Foi essa despedida — então preságo
Parece o coração nos futurava
As nuvens do porvir....

Parti. As ordens
De meu pai o queriam.—Quanta lagrima
Banhou-me os olhos ao deixar a casa
Onde primeira a viração brincára
Em torno ao berço meu. Esse castello
Erguido no alcantil em fundo verde
De florestas luzentes — e mais alto
Lá no horizonte a reiatarem-se alvos
Dos Apeninos os nevados cumes.
Quando tudo isso que eu amára tanto
Perdi de vista e quando o nevoeiro
Senti lá do horizonte desmaiado
Perder-se a terra dessa bella patria
E aos montes verdes da risonha Italia
O perdido arrular de infindas aguas
A confundir-se com o céo — é facil
A ti que a patria pelo mar trocaste
Dentro do peito imaginar. Tres annos
Correram-me em viagens. Vi a França
D'Allemanha corri as frias terras,
Vi a Hespanha, a Italia do Occidente,
Com seus campos de vinhas, e Sevilla
A mirar-se louça no azul das aguas.
Fôra-me longo descrever-te a historia

Desse meu viajar, dizer-te casos
De aventuras de então.—

Estava em Cadiz

Quando uma carta recebi da patria —
Fallecera meu pai.

Eu me esquecera

De vos contar que tinha mais idoso
Um irmão.—O castello era, pois, d'elle;
Longa a ausencia, porém, lhe parecia
E saudades de mãe que eu lá deixára;
Por letras d'elle desejavam breve
Volta minha ao solar.— A minha vida
Fôra té hi um sonho — e um só desejo —
Vel-a ainda uma vez, poder-lhe ainda
Ouvir-lhe a doce voz e repetir-lhe
De joelhos — eu te amo. Era essa idéa
De meus dias e noites. Minha vida
Era beijar um resequido ramo
Que ao despedir-me ella puzera ao peito.
Retrato della não o tinha — embora!
Que era-me ella gravada ahi no seio
Com tanta vida e côres que sobejo
Me fôra um'outra imagem. Magdalena
Chamava-se ella assim, — ella sómente...
Nos saudosos sonhares me alentava

Voltei pois: cada dia eu maldizia
Do meu barco o vagar; embora sempre

D'aura favorecido vellejasse
 Como um açor a esvoaçar garrido
 O ligeiro navio...

Era uma tarde —

Parece-me inda vel-a — A aragem pura
 Mais tepida sussurrou-nos pela pôpa.
 Ia limpido o mar; arfava o barco
 Ao flacido embater das mansas vagas
 Cortando escumas com aguda prôa;
 As velas cheias resvallando alegre
 Das aguas pelo azul. Eis o gageiro
 Do alto dos mastaréos bradou-nos « *Terra!* »

Além, lá no Oriente acalorado
 P'lo roseo cinto do arrebol rosado
 Como cahida nuvem, ou qual alvo
 Goelando do mar a adormecer nas aguas,
 Uma cinzenta lista se levanta
 Nos longes do horizonte... Era a Italia.

.
 Ao chegar ao castello idéa turva
 De segregado presentir me vinha
 O espirito enervar. — Escura a noite
 Se desdobrára nos calados campos —
 Mas que importava? s'eu sabia a estrada,
 Se os olhos vagos eu volver podesse
 A esse castello donde ha tanto tempo
 Inda n'infancia, meus sonhares todos

Em *amor* se tornassem ?

Alegria

Da surpresa dos servos, das caricias
De meu irmão... e minha mãe e amores
Da virgem dos meus sonhos... esperanças
Inda a lutar-me co'a idéa amarga
Do coração presago, distraham-me.

Havia festa no solar antigo :
Os vidros das janellas reluzião
Como olhares de fogo, devassando
Dos campos a amplidão. Vão mil rumores
Ahi dentro ao Castello. Riem, dançam,
E o silencio da noite quebram musicas
Resoando na montanha...

La alta noite

Quando ao castello entrei. — Um velho servo
Á porta conheceu-me. — « Vinde, vinde »,
O bom velho bradou — « o cavalleiro
Dom Lucio, eil-o de volta ». Quiz embalde
Perguntas lhe fazer, o velho em lagrimas
Só sabia me olhar, juntar ao peito
Meus tremulos joelhos. — Acudiram
Dos salões cavalleiros — é sabida
A bem aceita nova. — O irmão e agora
Minha tão bôa mãe beijam-me e abraçam-me.
— Mas ella ? —

Entreí — embora lhes notasse

Que improprios trajes meus eram p'ra o baile.
 Não quizeram m'ouvir —

O irmão deixou-me
 Mas em breve tornou. P'la mão trazia
 Uma virgem de branco, o véo de rendas
 Da corôa de rosa^s brancas pende-lhe
 Cahido sobre a face — a mão lhe treme
 Na mão de meu irmão.

Velada embora
 O coração m'a conheceu — tremeu-me
 E desvairou-me o cerebro — A donzella
 A Magdalena dos sonhos meus — o anjo
 Do saudoso lembrar...

O IRMÃO

— Irmã te seja
 Essa meiga donzella. — Porque tremes
 O' minha noiva, assim? Elle ha de amar-te,
 Tem bom coração —

Ergueu-lhe a renda
 De véo branco —

Fitei-a. Era ella mesma,
 Mas pallida e a tremer, o rosto frio
 E os labios descorados...

Despertei-me
 Do desvairar da mente. Cortejei-a

.
 « Amam-se! E ella trahiou-me! — Ella tão bella
 Que eu nunca o pensaria... Anjos mentidos!

.
 Que importa? partirei — amem-se — vivam
 Em ditoso gozar, — sejam felizes.
 Embora eu soffra, e meu penar qu'importa?
 Amanhã partirei... porque não hoje?
 Porque não partirei agora mesmo?
 Hei-de esquecel-a, tental-o-hei ao menos
 Se vivo o não puder, ha-de trazer-m'o
 O somno de olvido esse punhal...

Partamos...

Seja-me um pezadello esse presente —
 Um sonho o meu passado — O mar agora
 Sobeja aos meus amores. —

Pobre louco!

Sonhaste um peito de mulher constante
 Em firme e terno amor... Mil vezes louco!

Nada me resta emfim! Eis-me lançado
 Deserto á vida. — Nada mais ficou-me!
 Morreram todas esperanças d'alma
 Ao pobre sonhador... Que noite horrivel!
 Sinto ar faltar-me! Ferve-me a cabeça!
 Que febre ardente! .. e ainda não é ella
 Ella! a *morte!*

Que noite amaldiçoada!

Como correu-me lenta!... Deram horas —
 Mas eu nem pude ouvil-as... Escutei
 Passos e vozes; musicas resoam...

Que tormento infernal! Lá passam... *ella*
 Ella a perfida vil... Meu Deus! piedade!
 Eis-me aqui de joelhos, oh! piedade!
 Tirai-me essa tortura d'ante os olhos —
 Esse inferno aqui d'alma...

Eu ouço passos

Ahi vêm — Levantemo-nos... Se acaso
 Alguem me visse assim, que amargo escarneo!
 Haviam rir de mim!... Mas ninguem viu-me.
 Enxuguem-se essas lagrimas... Não quero
 Não quero mais chorar. Mas se ella ouvisse?
 Oh! porque gemo assim? porque soluço?
 Calle-se o peito meu! estalle embora!

—

Em loucos turbilhões assim idéas
 Me levaram em trepido delirio.
 Foi a hora acerba de agonias longas
 Essa que ahi passei pensando nella —
 Té na morte pensei — olhei o ferro
 De aço reluzente que apertava tremula
 Minha dextra convulsa e fria — cri-me,
 Que eu achára o segredo do repouzo...

Que idéas várias de correr ardente
 Como o zig-zag do raio perpassavam
 Nestes instantes de loucura, agora
 Não podera eu dizel-o — O suicidio
 Foi-me ultimo desejo — Imaginei-me

Quando ouvissem tombar meu corpo frio,
 Quando eu jazesse ahi sobre o soallo
 Já sem respiração no roto peito,
 No rosto sem calor, livido e frio
 E no peito sangrento mergulhada
 A lamina de ferro ainda — do estrondo
 Correndo todos do castello, os donos
 E *ella* com elles — e o remorso intenso
 Que lhe plantára ahi no seio perfido
 Meu livido cadaver — e o tardio
 Baldado arrependimento! — Idéas negras
 Me riam na vingança! — Soaram passos
 E o roçar de vestidos nas paredes
 Do escuro, estreito corredor. — Calmei-me,
 Callei o peito meu — nem ancia ou lagrima,
 Nem soluço ou tremor — nada! Ardente
 Quedou-me o coração. —

Mancebo, escuta!

A olhos profanos a secreta mágoa
 Não vás mostral-a, não. — Hão de rir della,
 Hão de zombar-te ás fallas! Fecha-a antes
 A chaga de teu peito co'as mãos ambas,
 Cobre-lhe a cicatriz — nem lhe trãnsude
 Gotta de suor ou sangue — ...

Soaram passos

Alguem entrou. Eu me voltei — Era ella!

EU

« Vós, Senhora Condessa! »

E *ella* pallida

Abatida e sem côr e os olhos mortos

E os labios descorados, os cabellos
 Co'as flôres inda do noivado infame,
 Da rota cr'ôa entrelaçados — alva
 Como estatua sem vida! —

Ella calou-se —

Ou que a voz na garganta lhe gelasse,
 Ou temesse fallar — enfim me disse:
 —« Lucio — porque, como antes, Magdalena
 Não me chamas sequer? »—

EU

Magdalena

P'ra mim morta é de ha muito. — Foi um sonho
 Cheio de flôres e clarões ethereos.
 Mas não ha sonho sem ter fim, só desse
 Eu vol-o juro, nobre Dama, foi-m'o
 Tenebroso e horrivel como o inferno!

Vieste Magdalena — eu t'o agradeço...
 Perdão se vos chamei por esse nome
 Do anjo que out'ora amei, da virgem pura
 Que não mentiu fallaz...

Agradeço-vos

Senhora Condessa, o terdes vindo.
 Ainda ha pouco eu desejei fallar-vos,
 Dizer ainda uma vez *adeus!* a essa
 Dos sonhos de mancebo — inda antes...
 De morrer!

ELLA

Oh! morrer! Lucio, tão moço...

EU

Ha uma hora, senhora, era eu ditoso.
Com ardencias de moço galopava
Para encurtar estradas, anhellante
De ver-vos, de tornar a ver ainda
A Magdalena do passado. —

ELLA

Lucio...

EU

Oh! não me interrompais. — Deixai que eu falle.
Será curto o viver do desgraçado.
Deixai-o pois que elle evapore em queixas
O ultimo alento do existir...

Eu vinha

Então rico de vida e d'esperanças
Além no termo de viajar sorria
Ao pobre peito meu doirado scisma!
Quem me fallasse então de morte e inferno
Eu chamára-o de louco...

Porém quando

Neste castello entrei, neste palacio,
Que tanto tempo foi-me um céu da vida,
Cheio de amor e sonhos; oh! maldito
Oh! maldito mil vezes esse instante!

Sellára o inferno aqui quebradas juras
D'alma infame e sem fé...

Perdão, senhora ;

Tudo isso ha uma hora foi -- e cada instante
Decorrido de então parece á alma
Um delirio mais negro...

Oh! antes isso!

A loucura mil vezes! — São felizes,
Dizem ao menos, esses que a doudice
De algum passado recordar desvia.

Na verdade morrer tão moço... é duro!
Mas qu'importa? nasci em dia aziago —
Astro de maldição clareou-me o berço
E demonios no inferno me saudarão
Com escarneo ao morrer...

Soffrer, na fronte

O fado m'escreveu! Morrer, tão moço
Como isso é duro! — Porém mais ainda
É soffrer o que soffro -- e o pobre louco
Imaginar-se que ninguem na vida
Quando na tumba rebolcar-lhe o corpo
Ha-de ainda ficar a dar-lhe prantos
Ao passado cruel! Ninguem! Ainda
É essa idéa que a mulher, o anjo
Que o pobre tanto amou -- ha-de sorrir-lhe
Rizo de infame escarneo sobre a campa!...

.

Oh! Magdalena — escuta, ahi na vida
Como a ti nada amei! ouve-me e seja
Castigo á tua ingratição a historia
Do meu puro sentir! Oh! Magdalena: —
Nunca os anjos no céo assim amaram!
Era um amor que me queimava o peito,
Que matava me os sonhos, era um affecto
Sonhado de joelhos, entre prantos,
Oh! Magdalena que eu sentia immenso!
Que amores, que te dei! que sonhos magos
Que sagrei-te no seio! Que aras santas
Que perfumei-te de poesia e flôres,
Cada hora, cada instante, noite e dia,
Nas terras e no mar, á luz dos astros,
No meu passado a te rever a imagem,
Sonhos a recordar, depois amores
Que tão breve correram! Magdalena,
Que amores que te dei votados no intimo
De uma alma pura!...

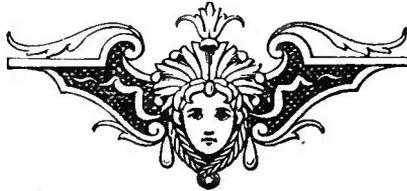
E vós sabeis, senhora,
Quem foi essa mulher, essa perjura
Magdalena sem alma?...

—
Cavalleiro,

Um beijo della me calou o insulto.
Ella chorava, e gemebunda a face,
Eu lhe inundava a negridão das tranças
Poz-l'a nos hombros meus...

Foi fraco Lucio!
Perdoem-lhe a trahição — antes ainda
Que desculpasse a ella. E o amor que outr'ora
Era tão puro — se verteu em crime!

.....





BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).